

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Inventando-me educadora ambiental através das Áfricas que
passaram a me habitar**

Ilha de Santa Catarina

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

**Inventando-me educadora ambiental através das Áfricas que
passaram a me habitar**

Anastácia Schroeder

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Ciências Biológicas da
Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Biológicas.

**Orientador: Prof. Dr. Leandro
Belinaso Guimarães**

**Co-orientadora: Heloísa da
Silva Karam**

Ilha de Santa Catarina

2013

À Nelson Rolihlahla Mandela (in memoriam) que, mesmo em seus momentos mais difíceis, não perdeu sua fé na humanidade. Com amor, meu trabalho de conclusão de curso é uma homenagem a todos os jovens sul-africanos que dedicaste parte da tua luta, e que continuam hoje a lutar pela unidade na diversidade. Enkhosí Madiba.

AGRADECIMENTOS

Ao grupo Tecendo pela abertura a novas maneiras de pensar e praticar a educação ambiental, em especial ao professor Leandro e Heloísa por carinhosamente acolherem meu trabalho com entusiasmo e paciência;

Ao grupo da “ONU” de Uganda: Bree, Hanisah, Adina, Kang, Aby, Jana, Jing, Bob.... Por compartilharem o sonho de estar em África e a tornarem muito mais mágica e inesquecível;

À Aby Ouattara por toda a ajuda, cuidado e cumplicidade que me levou a ter uma irmã em Costa do Marfim: com muito amor, obrigada por fazer parte dos dois melhores meses de minha vida!

À Sindisiwe por, de maneira inesperada, se tornar minha primeira e grande amiga sul africana, me concedendo a honra de ser uma das “tias” de seu primeiro filho;

À família SAEP pela recepção e oportunidade única de conduzir seu programa de educação ambiental em *Philippi*, Cidade do Cabo, África do Sul;

À Claire Mollat, pela parceria e ajuda em desenvolver as atividades educativas na SAEP, sempre com muita motivação e entusiasmo;

Ao grupinho das “Foxies” e “Leopards” da escola *Sophumelela* : Asanda, SP, Odz, Odwa, DJ, Bantu, Ory, Phumlani, Senzo, Zimme, e todos os demais que me acolheram e aceitaram como educadora, apesar das diferenças. *Enkhosi kakhulo* por terem feito parte do processo de recriar-me!

Ao grupinho dos “podres” (Minha irmã Ladia, Rinaldo, Sofia, Paloma), por alegrar meus dias (e noites) capetonianas com nossas “peripécias”: África do Sul teria sido completamente diferente sem vocês! Amo-os muito!

À família de capoeira Cordão de Ouro *Cape Town*, por ser minha base e meu “abrigo” na Cidade do Cabo;

À Rinaldo Cunha, pela dedicação e amizade. Por compartilhar uma grande paixão em comum: África. E por me fazer continuar acreditando nas pessoas e em sua bondade... Anjos existem.

A toda a galerinha de Joinville, por estarem presentes durante toda uma vida e por compreenderem minha ausência...

À Amanda Cerveira, pelo encontro de almas, e por ser a irmã que gostaria de ter tido. Pelo abraço apertado e pela força, incondicionalmente. E pelo amor sincero.

À Julia Ferrúia dos Santos, Drudis, meu chaveirinho! Por estar sempre comigo tanto no Brasil como na África! Por compartilhar literalmente TODOS os momentos, tanto nas gargalhadas escandalosas até na força para continuar seguindo em frente. E por me aceitar, com amor, sem julgamentos. Te levarei para sempre no “bolso” do coração!

Ao grupo de formandos mais unido de todos, em especial Lari, Panda, Ronda, Bia, Renato e Ju, por compartilharem os momentos de “surto” pré TCC e as “reuniões” com cerveja no bar. Sentirei muita falta de vocês!

À Renan Neubern por, em suas sutilezas, ter acompanhado a finalização deste trabalho. E por me fazer vivenciar novamente a tranquilidade da serenidade... Um cheiro!

À Sonia Maria Wilke de Souza, pelo suporte emocional e por fazer parte de meu crescimento e amadurecimento...

Aos meus irmãos Rafael e Viviane, pelo incentivo, força, preocupação e atenção. Na família também encontramos amigos. Amo vocês!

A minha vizinha Maria, que todas as noites orou por mim, torcendo pela minha felicidade;

E, finalmente, aos meus pais Juarez e Regina. Apesar de sermos tão diferentes, agradeço por compreenderem meus sonhos e paixões, e me incentivarem a correr atrás deles. Por sempre, apesar de tudo, continuar acreditando em mim, sendo os pilares da minha existência. Ao amor incondicional, não tenho palavras.... Obrigada pela vida!

Umuntu ngumuntu nagabantu

“Uma pessoa é uma pessoa por causa das outras pessoas. Este é o significado de Ubuntu: humanidade para todos. Eu sou o que sou porque todos nós somos.”

Ditado sul africano; sabedoria popular.

“Você pode deixar a África. Mas a África nunca deixará você”.

Uma voz amiga que me tocou antes de embarcar a todas as Áfricas que me encontrariam...

RESUMO

Um trabalho sobre perder-se e encontrar-se. Com base nas histórias da aquarela de minha vida, decido aventurar-me em terras distantes africanas, onde, a partir das áfricas que me tocaram e passaram a me habitar, reflito sobre a desconstrução de conceitos prévios. Inicialmente com indagações sobre o que seria África, sigo promovendo reconstruções sobre as maneiras de pensar o processo educativo que pratiquei como educadora ambiental de jovens na Cidade do Cabo, África do Sul. A partir do caminhar iniciado no leste africano, na “Pérola da África”, Uganda, até a “Terra de Contrastes”, África do Sul, compartilho algumas páginas de um diário de experiências que com base em reflexões pessoais e profissionais, associadas às noções presentes em oficinas desenvolvidas junto a esses jovens, conduzem o leitor ao momento de reinventar-me educadora ambiental.

Palavras - chave: África; educação ambiental; atividades educativas; experiência.

ABSTRACT

A work about loosing and finding myself. Following the watercolour that is my life, I decided to venture in the distant African lands, where, it all had a profound impact on me. I meditate about the deconstruction of previous concepts. Initially just wondering about what is Africa, following reconstructions that promote ways of thinking about the educational process that I practiced as an environmental educator of township youth in Cape Town, South Africa, Starting from the walk that began on East Africa in the pearl of Africa, Uganda, until my last stop on the land of contrasts, South Africa, I share some of my own adventures and experiences based on personal and professional afterthoughts that are associated to smatterings present in workshops done with those youngsters, leading the reader to the moment where I can reinvent myself as an environmental educator.

Key - words: Africa; environmental education; educational activities; experience.

SUMÁRIO

UM DIÁRIO COLORIR.....	15
As primeiras páginas de um livro de experiências.....	15
CAPÍTULO 1: A poesia daquelas cores.....	21
Jambo Uganda! A Pérola da África.....	21
Encontro ao Nilo.....	24
A alegria daqueles sorrisos.....	26
A tranquilidade da serenidade.....	30
CAPÍTULO II: Contrastes.....	35
<i>Welcome to Cape Town</i>	35
<i>Molo, Philippi!</i>	36
As primeiras pinceladas.....	40
Descolorindo.....	46
CAPÍTULO III: Releitura.....	51
CAPÍTULO IV: <i>Sakhoni Sonke</i>	57
Os ladrilhos que encaixamos: início da construção.....	57
Juntando as partes: um mosaico que se forma?.....	61
“As palavras podem esconder mundos”.....	66
Pedaços de vida que, em seus encaixes, transformam o que é comUM.....	72
AS CORES QUE HOJE ME DANÇAM.....	79
AS MINHAS INSPIRAÇÕES.....	83
BASTIDORES.....	87
ADENDO 1.....	87
ADENDO 2.....	88
ADENDO 3.....	89
ADENDO 4.....	90
ANEXO 1.....	91
ANEXO 2.....	92
ANEXO 3.....	93

UM DIÁRIO A COLORIR

As primeiras páginas de um livro de experiências

Confesso que não foi fácil. Nesse momento o leitor pergunta-se: qual dificuldade levaria a essa confissão? Na proposta de escrever o texto que se segue, o qual muito espero que vossos olhos acompanhem deixando-se pintar pelas “cores” que me inspiraram, as mãos pousaram e repousaram inúmeras vezes no teclado, enquanto na tela em branco pulsava, incansavelmente, a barra digitadora já ansiosa por palavras. Nada mais fazia ela além de se espelhar em minha própria ansiedade. Como diria Demartini (2005), refletir sobre minhas próprias memórias e, neste caso, escrever sobre as mesmas, “foi tarefa mais difícil que àquelas que tenho me dedicado, pois o envolvimento com o objeto é estreito, a emoção aflora facilmente, remetendo a outros lugares, outros tempos, outras vivências” (p.13). Muitas lágrimas molharam as memórias, que escreviam por si só lembranças queridas, lembranças com vontade de esquecimento, lembranças que a doce nostalgia me fez desejar revivê-las.

No entanto, como diria Benjamim, segundo Rita Ribes (2005) “rever o passado não significa repeti-lo como de fato o foi, mas resignificá-lo à luz do presente e dos desejos futuros, permitindo olharmo-nos nos olhos, fazendo o balanço daquilo que fizemos de nós mesmos, formulando nossos projetos do futuro” (p. 41). Mas muita calma: os projetos futuros advém das histórias desenhadas e poetizadas em minha própria caminhada. Juntei suas tintas e cores formando a aquarela que pretendo oferecer aos olhos de quem agora se propõe a seguir comigo pelas minhas lembranças e vivências, experiências estas que me levaram a pensar, fazer e escrever este trabalho.

Neste caso, devido à subjetividade que move esta pesquisa, não é possível uma simples exemplificação dos fatos ocorridos, uma mera exposição de dados coletados que seriam analisados em conhecimentos já preestabelecidos. Isto porque estão envolvidos sentimentos e reflexões pessoais, que levaram à construção de novos olhares sobre as portas que ousei abrir em minha caminhada, como também aos novos olhares sobre minha própria visão como bióloga e educadora.

Portanto, a construção do propósito que se seguirá nas próximas páginas advém de um longo trajeto percorrido, composto por desenhos de minha história um tanto já desbotados, que se colorem em vívidas cores na memória, e que, de certa forma, influenciaram fortemente as trilhas que hoje insisto caminhar.

Acredito que, para isso, torna-se imprescindível, até para o próprio entendimento de meus prezados leitores, a inserção do pesquisador no processo de desenvolvimento de seu próprio trabalho. E isto se faz necessário pelo simples fato de que buscamos estudar o que nos gera interesse, nos toca, desperta nossos sentidos. Gostaria de convidá-lo a folhear comigo algumas páginas antigas de minha infância: elas constituíam os capítulos escritos no decorrer dos anos e que conduziram a essas escritas que agora seguras em tuas mãos (ou pressionam em cliques a barra roladora).

Para acompanhar esses capítulos, achei na narrativa uma forma de escrita que reviveria as lembranças dos caminhos e descaminhos ocorridos nesta experiência, que levariam o leitor a compreender os propósitos do desenvolvimento deste trabalho. Narrar seria como romantizar as minhas experiências em histórias vividas, ou, neste caso, recitar parábolas: em quase todos os textos dos capítulos que seguirão, trago os ensinamentos, reflexões e indagações que realizei em cada passo de meu caminho.

Como sempre gostei das cores, de seu movimento, de sua arte, como se pudesse senti-las, como se carregassem palavras tão cheias de significado, eu poderia “escrever” livros de sorrisos com as sensações que elas causam. Mas em todas essas folhas, utilizarei as cores como uma analogia aos sentimentos que me atravessaram ao percorrer os Brasis que me levaram às áfrias e as áfrias que em mim passaram, cabendo ao leitor observá-las nas sutilezas. Vamos pintar essas cores comigo? Caso sim, te levarei aos meus primeiros afrescos...

A quais sonhos eu buscava quando as folhas daquele caderno em plena aula de matemática do terceiro ano do ensino médio riscavam a ponta do lápis inquieto? O azul das águas da doce Praia da Saudade, município de Penha, Santa Catarina, onde banham-se minhas lembranças da juventude? O verde daquelas árvores altas, da minha tão estimada goiabeira, Mata, que tanto chamam de Atlântica, mas que em meio a tropeços, pulos e brincadeiras era a floresta da minha casa, no

Morro da Boa Vista, tão bela vista joinvilense... O vermelho da caixinha de médicos, encenando uma doutora que curava os mais enfermos pacientes que choravam suas lamúrias das quedas de muros, árvores e outros locais que nós ousávamos explorar nos incontáveis “esconde-escondes”? *Risque, Risque, Risque*. Apago Medicina, Oceanografia, Engenharia Florestal. Decido entregar-me então à vida em todas as suas formas: decidi cursar Biologia.

Fui assim realizar o curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Santa Catarina, após as longas horas debruçadas em apostilas do cursinho pré-vestibular manchadas de café e salpicadas de farelo de chocolates. Tentei, em meio a tantas disciplinas, vestir o branco dos jalecos e dos laboratórios, na primeira experiência de estágio nas fases iniciais do curso. O verde das análises de fitoplâncton até esperanças a quietude e opacidade dos tediosos tubos de ensaio. No entanto, a vontade da aventura fez-me vestir as botas, alaranjadas com o barro das terras altas, que sustentam os pinheiros sul-americanos: fui, através do laboratório de Etologia Aplicada (LETA), aprender mais sobre ecologia de mamíferos nas regiões da Mata de Araucária em Bom Retiro - Santa Catarina Entre muitos “flashes” brilhantes das armadilhas fotográficas, uma tessitura de sonetos eu observava naqueles couros, plumas e pelagens, que a mim sorriam e faziam sorrir... Perdi-me de euforia naquele verde que me lembrava do jardim de casa, daquela mata do morro da Boa Vista. Aprendi a divertida missão de “dar nome aos bois”: pegadas eram “vestígios”; fezes, “amostras escatológicas” - que às vezes adentravam nossas geladeiras para desespero dos colegas não biólogos. No entanto, o denso verde musgo-bandeira daquelas matas convidava a conhecer um pouco mais além das trilhas já estabelecidas...decidi então explorar o mundo da Educação Ambiental.

No entanto, este mesmo período ou início de um despertar, antecedeu a uma longa ausência de mim no cotidiano que tecia. Eram sonhos misturados às inquietações causadas pelas hipocrisias, pessoais, culturais e profissionais. Meus poemas já não riscavam papéis há anos. Meus sonhos coloriam e descoloriam como aquelas velhas cartas atadas às paredes castigadas pelo sol amarelo. Já não conseguia conter a dança da alma que anseia por descobertas. Ao relembrar sonhos distantes, um tanto inocentes, de ir para o mundo sentir na pele, na boca, no tato, experiências que aqui, no momento de certa “sede de aventura”, já não se viviam.

Lembro-me bem daqueles romances e dramas sobre a África, continente mãe da beleza, berço do som, da arte, com um toque misterioso de desconhecido. Terra que, à luz de conceitos que havia construído em mim até então - e que foram repensados, remodelados e reconstruídos conforme os novos olhares que me permiti observar - simbolizava vitalidade, semeando dor e esperança. Um mundo que para a minha visão e ao meu coração era de uma sensibilidade extrema, ao carregar a lástima do sofrimento das guerras e da fome, em virtude de décadas de esquecimento e abuso. O vermelho da dor que em linha tênue mesclava-se a uma alegria incontida. Em meio a tantos devaneios e anseios, havia chegado o momento de procurar caminhos outros: decidi “aquarelar” minhas poesias já esquecidas em nosso continente ancestral.

Após cruzar o Atlântico, não poderia ainda saber que tudo que viveria em nossa terra ancestral teria profunda influência em meu caminhar futuro profissional e nas minhas reflexões sobre valores, nas minhas concepções e relações interpessoais.

A jornada, iniciada em Uganda, aproximou-me muito de um sentimento de pertencimento a um local tão distante, que não condizia então às minhas raízes... Mas, aqui, cabe à pergunta: por que não? A beleza da simplicidade e a serenidade da tranquilidade que dela cria-se iniciaram um processo de desconstrução do que seria a África que costumamos “conhecer” através das mídias tradicionais. Não pretendo, no entanto (e vale ressaltar esta afirmação), mostrar o que seria “África” ao leitor, pois há tantas Áfricas em cada país, cada região e comunidade que compõem este mosaico cultural, humano e ambiental, que palavras, livros e dissertações não poderiam exemplificar. Porém, convido a mergulhar nos sons, cores, cheiros e sabores das “Áfricas” que me tocaram e estão em mim, e que venho a te apresentar.

Nesta trajetória iniciada no leste africano, na região dos grandes lagos, segui-me aventurando para o sul daquele continente até chegar à “cidade mãe”¹, onde os antigos navegadores intitulavam de local “onde o vento faz a curva”: Cidade do Cabo, África do Sul. De extraordinária

¹ A Cidade do Cabo é chamada de Cidade mãe, pois antigamente era considerada a Metrópole Sul-africana, palavra com origem grega: Acrópole. Como o prefixo “Acro” remete à palavra cidade, e o sufixo “Pole” à mãe, ficou popularmente conhecida como Cidade Mãe.

beleza e tocante à sensibilidade das diferenças, uma nova África se apresentava...

A escolha e o desafio de assumir a posição de coordenadora do programa de Educação Ambiental da organização *The South African Education and Environment Project* (SAEP)², juntamente com meus encontros e desencontros com pessoas, ideias e movimentos culturais sul africanos e demais africanidades, foram cruciais para o meu próprio ato de perder-se, entre minhas convicções pessoais, como também as profissionais, na pragmatização da educação ambiental que até então conhecia e propagava. Percorrer diariamente o trajeto dos subúrbios centrais capetonianos³ em direção à *Philippi*⁴ *Township*⁵ levaram-me a críticas pessoais sobre meu papel e presença naquele local, algo que discutirei de maneira incansavelmente interrogativa; afinal, perguntas muitas vezes geram mais e mais perguntas. Esses meus questionamentos me levaram a uma aproximação dos estudos sociais, históricos e econômicos, tendo grande base referencial obtida no período que estudei na Universidade da Cidade do Cabo (UCT). Conversas, relatos e discussões com amigos, colegas e cidadãos africanos em geral também contribuíram fortemente para isso. Comecei a desenvolver um processo reflexivo sobre a educação ambiental em si, e, agregando-o aos novos conhecimentos adquiridos e pesquisados, elaborei, em conjunto com o Professor Leandro Belinaso Guimarães, um projeto que me direcionava aos adolescentes que eu estava trabalhando de uma maneira que valorizasse suas experiências no cotidiano em que vivem, proposta

² Informações sobre os trabalhos da organização podem ser encontradas em www.saep.org.

³ “Capetonianos” é o termo utilizado para os nativos da Cidade do Cabo, como também de tudo que é próprio dela.

⁴ *Philippi* é apenas um fragmento do mosaico de *townships* que constitui a periferia da Cidade do Cabo. Enfrenta diversos problemas sociais, incluindo educação precária, violência, abuso de drogas, degradação ambiental e um aumento de residentes vivendo com HIV/AIDS (ANDERSON et al, 2009).

⁵ *Township* é o termo utilizado para indicar assentamentos não informais, geralmente com graves condições sócio econômicas. Na periferia da Cidade do Cabo, existem inúmeras *Townships* que se situam muito próximas, formando um “mosaico” que caracteriza a época de segregação do regime racial chamado de *Apartheid*.

prática de educação ambiental que até o iniciar de meus estranhamentos, entranhamentos e desentranhamentos⁶ não havia considerado.

Reunindo páginas soltas do diário de minha vida, com destaque para as cores que me pintaram nesta longa jornada, aqui esboço um “livro de experiências” que então se torna meu trabalho de conclusão de curso: uma narrativa sobre como me tornei educadora ambiental nos encontros com as Áfricas que passaram a me habitar.

Caso o queira acompanhar, no capítulo I, “A poesia daquelas cores”, convido o leitor a retrazar meu próprio caminho através dos sentidos que tento “sinestésiar” em palavras, dando início aos meus primeiros questionamentos e desconstruções sobre África e educação.

Já no capítulo II, “Contrastes”, sigo a aventura africana introduzindo meus olhares sobre a África do Sul e o voluntariado que lá realizei. Também descrevo as situações que me levaram a escrita deste trabalho.

Por fim, no capítulo III, “Releitura”, narro sobre as “Áfricas” que me tocam e minha aceitação sobre as mesmas, fato intrinsecamente ligado a uma inovação no processo educativo que estava a realizar.

Mas, aos sentimentos primeiros, devo as honras das primeiras memórias... Vamos para Uganda!

⁶ Parafraçando Juremir Machado (2010).

CAPÍTULO I

A Poesia Daquelas Cores

Jambo, Uganda! A pérola da África⁷

É surpreendente como o tempo passa por nossos sentidos sem realmente avisá-los que a data finalmente chegou. Era dezembro de 2011, estava embarcando para uma das maiores aventuras, ou diria um dos maiores aprendizados de minha vida: realizar dois voluntariados na África: O primeiro em Uganda e o segundo na África do Sul.

Após inúmeros planejamentos, as malas estavam fechadas (e recheadas de sonhos, vontades e realizações). Além do guarda roupa móvel essencial, carregava inúmeras lembranças verde-amarelas para sorrisos que ainda desconhecia e o chamado “kit advertência-sobrevivência” preocupadamente “oferecidos” por amigos, médicos e familiares sobre a África⁸:

“Cuidado, não coma nada na rua, apenas se estiver muito bem cozido!”

“Água? Apenas engarrafada e olhe lá!”

“Evite as áreas rurais, são muito perigosas!!!”

“Lá em Uganda não é cheio de Guerra Civil? Não teve uma matança, tipo um genocídio aonde você vai? Aliás, o que você vai fazer no meio da África, menina doida?”

“Ah, mas na África do Sul você “tá tranquila”, em casa né? Lá é rico, só tem loirinho de olho azul...”

⁷ Uganda é conhecida como a Pérola da África, por ser um país ainda não intensamente explorado em sua parte turística; É um dos poucos países que não possui acesso ao mar. Sua diversidade cultural é expressa em mais de 40 descendências tribais diferentes, ainda muito desconhecidas e “intocáveis”, como valiosas pérolas.

⁸ É interessante para o leitor assistir ao vídeo da nigeriana Chimamanda Adichi: “O problema de uma única história. Vídeo disponível em: https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=wQk17RPuhW8#at=1116

E claro, Aids: *“Melhor não se envolver com ninguém...Todo mundo pode ter Aids”*.

Preocupações? Levava apenas as dos outros. Queria sentir em meu coração o que meus olhos captassem e o que a experiência ensinaria. Após algumas horas sobrevoando o Atlântico, leitões de água que pareciam imensas raízes delineavam árvores de ancestralidade nas areias do incrível Deserto Namibe⁹. Já estava a sobrevoar solos africanos.

Após algumas escalas, a presença de grandes lagos vistos da janela do avião indicavam a chegada à Entebbe, antiga capital ugandesa. Aterrissei na Pérola da África: Uganda, a Terra dos Grandes Reis.

Mesmo dentro do carro meus olhos ansiosos já buscavam as imagens criadas puerilmente sobre a magia africana: senhoras com vestidos estampados andavam equilibrando cestas em suas cabeças em meio a um trânsito caótico, decorado em suas margens por mercadinhos, casas, favelas... A euforia da novidade não se continha apenas em imagens: eu precisava tocar aquele solo, falar com aquelas pessoas, vivenciar cada esquina do desconhecido daqueles sonhos agora tão reais.

Adentramos então à Favela de Banda, na periferia da cidade de Kampala. Para minha surpresa, era lá onde se encontrava a casa da AIESEC¹⁰, local onde ficavam os intercambistas quando chegavam ao país. Estava decorada com inúmeras bandeiras de nacionalidades que haviam passado por ali. Lembro-me de me dirigir a um quadro na parede que representava o mapa mundi: com os dedos, tracei o trajeto Brasil-África, até chegar àquele pequeno país circundado pelos grandes lagos africanos e longe do mar. Eu estava literalmente (ou geograficamente) no coração da África.

⁹ O deserto do Namibe estende-se da costa sul da Namíbia até a costa sudoeste de Angola, fazendo parte do Parque Nacional Namib-Naukluft National Park. Ele abriga, em suas areias vermelhas, as maiores e mais antigas dunas do mundo.

¹⁰ Trecho retirado do website www.aiesec.org.br: “Reconhecida pela UNESCO como a maior organização de jovens universitários do mundo, a AIESEC está presente em 113 países e territórios e tem mais de 86.000 membros. Formamos uma rede global, que, por meio do trabalho dentro da organização e de intercâmbios profissionais, explora e desenvolve o potencial de liderança de seus jovens”.

A exploração do local teve início nos arredores alaranjados de Banda, onde as habitações amontoavam-se umas às outras em ladeiras que ligavam o alto do morro ao asfalto que ardia sob o calor daquele sol avermelhado, que resplandecia a força daquela terra. Logo formamos um grupo de amigos que chamávamos de *UN* (ONU, em português), pois era uma composição de asiáticos, brasileiros, africanos, canadenses, europeus, australianos... A mistura de sotaques e culturas mais interessante que já me deparei. Diversidade cultural? Iniciamos dentro de nossa própria casa!

Divertíamo-nos passeando por aquelas casinhas e encontrando os sorrisos simpáticos das crianças que corriam ao nosso encontro gritando “*Muzungu, muzungu, Hi!*”¹¹ e deliciando-se no “paraíso dos carboidratos”, modo como ficou conhecida nossa segunda terra natal entre os amigos do intercâmbio. *Rolex*, *Chapatís* e outras tantas delícias¹² eram encontradas em inúmeras feirinhas e mercadinhos, assim como os gigantes cachos de bananas verdes para a produção do *Matoke*¹³.

O transporte para o centro ocorria através de *Matatus* ou *Boda-Bodas*¹⁴ transporte típico em Uganda e muito comum em inúmeros países africanos. Aos poucos, mas sem demora, aquele ambiente tão apresentado como hostil aos olhos mundanos cheios de preconceitos, foi tornando-se familiar e aconchegante. As subidas (e tombos!) nas ladeiras enlameadas, o suingue das festas - embaladas por ritmos¹⁵ que transmutavam os sentidos do corpo em um encontro tão próximo a algumas brasilidades musicais - as quedas diárias de energia e as noites encobertas pelo calor entrelaçado às redes brancas dos mosquiteiros... Seria possível se sentir “em casa” em um local de total contraste com minha cultura?

¹¹ *Mzungu*, no dialeto Luganda, significa “branco”.

¹² *Rolex* era um lanche feito à base de *Chapati*, uma massa tradicional Indiana frita na hora em gordura junto à legumes e ovos, muito comum e típico de Uganda

¹³ *Matoke* é o prato mais popular da culinária ugandense, preparado com bananas verdes.

¹⁴ *Matatus* eram mini-vans utilizadas como taxis de baixo custo; *Boda-bodas* eram motos que transportavam pessoas até malas, balaies, e tudo o que sua imaginação te levar a pensar...

¹⁵ A música que se consagrou como nosso “hit” ugandês pode ser conferida no link: <http://www.youtube.com/watch?v=yMSTYtMSbL0>

Encontro ao Nilo

O encanto proporcionado por Kampala elevou minhas expectativas sobre Jinja. Eu passaria seis semanas nessa pequena cidade, quase sem informações disponíveis nos meios de comunicação. Uma das poucas descrições era ser o local do nascer do majestoso Rio Nilo, que entre diferentes codinomes e leitos, inicia sua longa jornada no coração africano ugandês, lago Victoria, desaguando toda sua majestia nos mares faraônicos egípcios.

Um carro da organização *Arise and Shine*¹⁶ veio buscar os novos voluntários em meio à favela de Banda - onde passei uma semana - e iniciamos a viagem de algumas poucas horas em direção ao até então imaginário de Jinja, passando pela floresta de Kibera e aprendendo um pouco sobre a história e sobre os dialetos falados na região. O intuito, segundo meu amigo chinês Jiao Jing Ping, era aprender uma palavra em Luganda por dia. No entanto mal sabíamos que aprenderíamos muito mais do que até então nossos caminhos já tinham nos mostrado em todos os encontros, visões, falas e trocas que daríamos a cada volta ao sol em terras africanas.

Na chegada à pequena e sonhada Jinja, esta nos recebeu com uma visão de suas águas azuis escuras exuberantes do lado Victoria, um dos maiores lagos africanos, berço das águas aventureiras e longínquas do Rio Nilo. A gripe que estava a tomar meu corpo, que por alguns segundos pensei ser um possível tipo de malária “mutante” dispersaram-se momentaneamente com aquela paisagem. Ali eu estava, após inúmeras pesquisas, preparações, documentações, sonhos... Ruas humildes e estradas de terra compartilhavam o caminho com cabras, que livremente transitavam (e acredito nunca ter visto tantas cabras) em meio a *boda bodas* e caminhantes. Entre algumas casas simpáticas e outras tantas precariamente abandonadas, chegamos à morada dos voluntários, uma casa rodeada por árvores, que de tão verdes, resplandeciam a calma e a serenidade daquela pequena cidade no meio de um país que há alguns anos eu não tinha nem mesmo ouvido falar. A atmosfera da tranquilidade acalmou nossos sentidos aguçados pela agitação de Kampala, e fomos adentrando nossa nova morada. As

¹⁶ Informações sobre a Organização sem fins lucrativos *Arise and Shine* Uganda pode ser encontrada em seu website: <http://www.ariseandshineuganda.com/>.

condições eram bem diferentes da já tão familiar casa “aiesequiana” de Banda, porém alguns “desconfortos” continuavam iguais: Banhos gelados e quedas de energia diárias faziam parte de nossa rotina, refrescando o calor do verão africano e motivando lendas sombrias e histórias africanas de terror a serem contadas à luz de velas. Entre holandeses, cingapurenses, brasileiros, chineses, japoneses, ugandeses, iniciamos a formação de uma família que se propôs a conhecer e a aprender com as rotas de nossas próprias origens. Demos suporte uns aos outros e nos acolhemos tanto nos momentos de alegria como nas dificuldades e choques culturais, os quais, se existiram, foram pouquíssimos, pois nosso coração já se encontrava lá para a entrega àquela experiência muito antes de termos chegado.

Recordo claramente do segundo dia que lá estava com febre alta e muita gripe, considerando novamente a hipótese de um parasita “mutante” que talvez arruinaria minha viagem. Mas meus conhecimentos biológicos traziam-me de volta à razão da tolice de tal consideração, mas mesmo assim fui a uma clínica para fazer o teste.

Local simples, pequeno, e olhares curiosos para a *Muzungu* que acabava de adentrar, provavelmente a fazer uma leitura “Mais uma com malária”. Fui muito bem atendida, e logo que direcionada para o exame, acabei perguntando “O material e as agulhas estão esterilizados?” O médico, com um leve sorriso, disse-me que todos os materiais eram descartáveis e nenhum procedimento seria realizado sem todas as medidas de segurança. Por um momento senti vergonha da minha colocação, e percebi o preconceito que de certa forma também estava em mim sobre o modo de viver africano, algo que se desconstruiria durante essa jornada com início, mas sem data para terminar.

No dia seguinte, seguimos para conhecer aquele pequeno município, com apenas duas ruas principais, onde as feiras de rua amostravam as mais coloridas estampas, e várias senhoras costuravam as mesmas em trajés típicos nas calçadas. O andar se entrelaçava pelo entoar das máquinas de costura, pelas feirinhas de artesanato com adereços de todas as partes do continente, e por uma variedade de barraquinhas que se estendiam pelas calçadas com os mais atraentes legumes, frutas e verduras. Típico de um país tropical. Havia mercados indianos, onde podíamos encontrar um pouco de tudo, desde utensílios de higiene até brinquedos, roupas e remédios. Alguns destes já tão empoeirados pela ausência de compradores, pois alguns objetos tão

ocidentais como “lencinhos umedecidos”, encontravam-se para vender, provavelmente por conta dos estrangeiros que visitavam a capital ugandesa da aventura.

Era interessante observar os olhares curiosos sobre os novos *Mzungus* da cidade, e as contracenias da agitação dos *boda-bodas*, das cabras e das feirinhas. O aroma das mais deliciosas comidas típicas advindas dos mercados locais fizeram com que esquecêssemos o “kit-advertência” africano. Os almoços encorpados do mercado viraram nossa rotina gastronômica diária, inclusive com os mais saborosos legumes. As garrafas de água já vinham com as tampas plastificadas, e encontravam-se créditos para o celular, inclusive máquinas de coca-cola em qualquer feirinha. Assim como as redes para mosquito e remédios anti-maláricos nos supermercados e farmácias locais. Havia ainda muito a aprender e a “desconstruir” sobre África, e sobre os sentimentos que em mim ainda estavam guardados.

A alegria daqueles sorrisos

Após um primeiro reconhecimento e a recuperação da virose que trouxe em minha bagagem imunológica brasileira, fui juntamente com meus colegas para nosso primeiro dia na chamada *Babies Home*. Esta era uma espécie de orfanato onde residiam crianças que provinham da vila de Kibuye, que perderam seus pais, em muitos casos, em decorrência do desenvolvimento da AIDS, como também pela falta de condições financeiras de suas famílias de proporcionarem alimentação, educação e saúde para seus filhos. Também havia um casal de irmãos que havia perdido seus pais quando moravam no norte de Uganda, local onde havia ocorrido muitos atentados do grupo de Joseph Kony, líder do *Lord Resistance Army* (Exército de Resistência do Senhor) cometendo inúmeras atrocidades, assassinatos e recrutamentos de jovens como soldados do grupo.

Para chegar ao orfanato, caminhávamos pelas ruazinhas de Jinja a cada dia por caminhos diferentes, observando a tranquilidade das ruas ainda não descobertas. Pude reparar ruas tranquilas, turistas passeando com bicicletas, mesquitas e igrejas batistas, mas nenhum local com alguma religião “tradicional” ou não advinda dos colonizadores. Costumávamos passar por um bananal para cortar caminho, que nos conduzia até o trilho de trem que cortava a cidade. Nesse momento sabíamos que estávamos chegando à casa das crianças.

A nossa chegada foi acompanhada de lindos sorrisos que se emolduravam nos rostos de cerca de vinte crianças, e transmutavam-se em abraços e gargalhadas, dentre muitas frases em Luganda e Lusoga que não entendíamos: as crianças ainda estavam sendo alfabetizadas ao inglês e apenas as mais velhas entendiam e falavam um pouco da língua. A casa era contornada por um largo gramado. Ela transbordava grande alegria, apesar das histórias que as vidas daquelas crianças escreveram e as conduziram até ali.

Nossa “função” designada para as sextas-feiras - pois de segunda a quinta ficávamos na vila de Kibuye realizando atividades educativas junto à comunidade de senhoras locais - era de recreação com as crianças, quando na verdade, elas é que realizavam recreação conosco até tirar nosso fôlego! Em meio a palavras em Luganda e gestos, nos sorrisos nos encontrávamos e brincávamos em conjunto até elas se cansarem, ou no caso, nós.

A morada oferecia três refeições diárias e também aulas básicas de alfabetização, saúde, higiene. Era evidente, no entanto, a carência de professores, assim como a nutricional (pois notávamos que faltavam proteínas nas refeições das crianças) e de vestuário. Nas horas das refeições elas sentavam-se ao chão, e com as mãos comiam seu almoço em cumbuquinhas. Um típico costume de algumas localidades africanas. Era interessante que para nós, quando almoçávamos na morada, eram oferecidos talheres. Muitas das crianças não tinham roupas íntimas e muitas se sentavam ao chão sem as mesmas, o que chamou nossa atenção.

Quando ainda estava no Brasil, fiz uma arrecadação para a *Arise and Shine* com colegas como doação para a organização. Com esta verba, realizei a compra de roupas, produtos de limpeza, e também brinquedos (que demos como presentes em uma festinha de Natal que organizamos com muitos balões, brigadeiros e quitutes brasileiros, que, por sinal, foram muito bem recebidos e degustados!). Quando cheguei à casa das crianças com as sacolas recheadas de roupas, produtos de limpeza e manutenção, as crianças vieram correndo em minha direção, me ajudando a carregar as sacolas ao mesmo tempo que me abraçavam e diziam “*Thank you auntie Ana!*” Não pude conter a emoção daquela sincera gratidão por receber coisas como sabonetes, toalhas...objetos tão simples que encontramos em qualquer supermercado ou loja, tão básicos e às vezes tão necessários que esquecemos de sua importância e os

desvalorizamos em nosso cotidiano. Que agradecimentos realizamos pelo “tudo” que temos diariamente em nossas vidas?

Uma querida colega, estudante de Medicina e também Brasileira que lá se encontrava (e pelo dividir e compartilhar tantos aprendizados tornou-se uma grande amiga), fez um trabalho excelente referente à higiene do local. Ela ofereceu para as senhoras que cuidam das crianças informações sobre cuidados básicos a serem realizados em relação à saúde e que atitudes tomar em situações de emergência; quais medicamentos aplicar em casos mais brandos de saúde, nos quais a avaliação médica não seria necessária. No decorrer do voluntariado, tentamos também introduzir colheres para a alimentação, o que de certa forma foi muito divertido para as crianças e para nós também, ao ver as colheres serem deixadas de lado e as mãos retornarem à ação. Talvez uma maneira de resistência das mesmas a objetos que tornariam esquecidas suas práticas culturais. Ou ainda, pela facilidade do hábito: para que necessitariam de utensílios “facilitadores”- segundo a ótica civilizatória - se já possuíam instrumentos para a mesma função como as mãos?

A atitude de minha amiga foi imprescindível para a ONG e um despertar de conhecimentos sobre saúde tanto nas crianças quanto nos adultos responsáveis por elas. No entanto, começamos a perceber - e como a cada momento, ao menos para mim, acontecia um processo reflexivo - que muitas vezes confundimos o conceito de “certo” com o de “tradicional” e nos perdemos nas imposições que nós mesmos estabelecemos como corretas. Assim, contrariamos “verdades” culturais distintas, como a simples utilização ou não de talheres em nossa refeição.

Naquele momento e principalmente hoje, após ter passado um longo tempo na África do Sul, questionei muito meu papel “assistencialista” com as doações, quando minha noção de empoderamento¹⁷ das comunidades tornou-se mais clara. Percebi

¹⁷ Segundo Davids, Theron e Maphunye (2009), “ Empowerment...includes the processes that lead people to perceive themselves as able and entitled to occupy the decision-making space (power from within)...The concept of empowerment is similar to Freire’s concept of conscientization, which centres on individuals developing a critical understanding of their circumstances and social reality. This leads to action because they no longer see themselves as

como as influências externas e ocidentais podem afetar de certa maneira o desenvolvimento das comunidades africanas. Como diria Loots (2006), o modelo europeu de estereotipação do que é visto e narrado como “autenticamente africano” apenas reafirma seu caráter colonialista:

If european cultural exchange is so endlessly about “representational politics”, and how Europe and the North image themselves as “helping develop poor black Africans”, firstly they are re-inventing the worst possible level of colonial patronage that does not allow the Black African dancer to be anything but the poor recipient of aid (p.91).

Dambisa Moyo, em seu livro “Dead Aid: why aid is not working and how there is another way for Africa” (2009), argumenta que a manutenção da dependência iniciada no período colonial tem suas raízes no assistencialismo. Desde 1940 mais de um trilhão de dólares tem sido transferidos de países “ricos” para inúmeros países africanos, próximo de somatizar mil dólares para cada homem, mulher e criança no planeta. Mesmo com tamanha transferência de capital, entre 1970 e 1980, por exemplo, quando as doações estavam em seu pico, a pobreza na África aumentou de onze por cento para sessenta e seis por cento. A posição de certos países ocidentais em ajudar a “reconstruir” e “desenvolver” os países africanos, após a segunda Guerra mundial, nada mais fizeram do que alimentar um ciclo vicioso de continuação da dependência. Este reverbera suas amarras nos mais diferentes níveis: desde o governamental, financiando governos corruptos, até o cidadão que perde oportunidades de desenvolvimento econômico de seu negócio pelas influências de produtos estrangeiros. Finalizando, a teia resultante da dependência do assistencialismo é que, ao invés de termos uma África administrada por africanos, para africanos, o que resta é uma África onde estrangeiros querem decifrar seu destino e tomar as rédeas” (MOYO, 2009, p. 66).

victims, but as active individuals with the ability to change their circumstances”, (p.15).

Acredito sim, na troca de carinho sincera entre os abraços e sorrisos sem grandes interpretações: nós não entendíamos seu dialeto, e nem eles, os nossos. Como diria um grande amigo, talvez nossa maior contribuição tenha sido levar esperança, e trazer muito, mas muito conhecimento.

A tranquilidade da Serenidade

A semana seguinte ao nosso primeiro encontro com aqueles sorrisos - que deixaram marcas em meu coração até hoje - iríamos pela primeira vez ao distrito de Kamuli, no interior de Uganda. Deixaríamos para traz, quatro dias por semana, os banhos de chuveiro gelados e as divertidas quedas de energia para conduzir aulas para senhoras da vila de Bandali: sem luz elétrica e água encanada, onde nosso abrigo era as simpáticas cabanas de tijolo e palha. Quando eu parava para pensar onde estava - na área rural do interior de um país africano a quilômetros e quilômetros de distância de casa - parava e pensava se aquele momento era real. Prefiro acreditar que vivia um sonho que estava apenas no início de se realizar. Não podia conter mais sorrisos.

Ao folhear meu diário de bordo ugandês revivo as lembranças transcritas naquela caligrafia apressada como um filme em imagens de uma história já tão distante, porém eternizada na memória de um coração que talvez lá ainda se encontre... Posso ainda ouvir as vozes dialogando em lusoga em meio a um *matatu* extremamente lotado (que ficávamos imóveis por cerca de três horas até chegar à Kamuli); o calor da terra que pintava nossos rostos de laranja sob o sol por uma hora na garupa de *boda-bodas* que levavam nós (e às vezes até três pessoas!) nossas mochilas e colchões até a vila de Bandali; e as vozes daquelas crianças que alegremente corriam atrás das motos, acenando e gritando quase desesperadamente “*Mzungus, mzungus, Jambo!*”.

Acordávamos todos os dias com o nascer do sol, ou com sapos que tentavam se desvencilhar de nossos mosquiteiros. Presos ao teto de palha das cabaninhas circulares de tijolo, que gentilmente apelidamos de “*our lovely hut*”, nos protegiam dos simpáticos sapos, aranhas e lagartos que compartilhavam nosso abrigo. Diretamente transcrita de meu diário, cito com diversão a frase que escrevi no primeiro dia que lá dormi: “Fico feliz de ter um mosquiteiro”.

Nos dias de “adaptação” (pois os membros da ONG achavam que sofreríamos um “choque cultural”) caminhamos horas e horas debaixo de um sol escaldante para encontrar as senhoras com as quais iríamos desenvolver nosso trabalho. Preciso compartilhar com o leitor o momento que, em meio a uma área quase desértica, avistamos, sob a única sombra na proximidade, talvez o mais belo quadro que meus olhos até hoje tiveram a oportunidade de admirar: cerca de 30 mulheres encontravam-se descansando, em um arco-íris de cores que adornavam as mais belíssimas *capulanas*¹⁸, colares e vestidos. Chamou-me a atenção que alguns destes possuíam ombreiras em formato pontiagudo: era o que diferenciava as mulheres casadas das solteiras.

Eram com essas senhoras que conduzíamos as aulas de alfabetização, higiene e saúde sexual no período vespertino. O horário de início dependia da intensidade do sol, pois como diziam os próprios africanos, tínhamos que respeitar *o African time*, que era diferente do *Mzungu time*: eles sempre estavam atrasados. Meus colegas de Cingapura conduziram aulas de alfabetização em inglês, enquanto eu, por ser aluna de Biologia, me responsabilizei por reforçar conceitos sobre prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, controle de natalidade e higiene. Todas as aulas eram conduzidas em inglês, porém, como nenhuma das senhoras falava a língua, sempre precisávamos de um tradutor para Lusoga, o dialeto local.

Neste momento percebi o quão insustentável era a prática educativa que nos prestamos a realizar: Apesar de um aprendizado imenso para nós voluntários, nossa contribuição era vaga e descontínua, pois nosso tempo de atuação era curto. A cada novo voluntário que chegava (sempre jovens estrangeiros), uma nova proposta educativa se iniciava. Lembro, com certa angústia, muitas moças que guardavam papéis já um tanto desbotados de lições anteriores, de aulas de voluntários que já se encontravam distantes - provavelmente retornando

¹⁸ Capulanas são os famosos tecidos africanos, produzidos majoritariamente na Nigéria e distribuídos comercialmente por toda África. Vividamente estampados e coloridos, são uma das marcas artesanais do continente, usadas como roupas em geral e pelas mulheres, como saias e adereços para cobrir a cabeça, como também carregar seus bebês nas costas.

ao seu cotidiano promissor após uma experiência incrível “Na África¹⁹”, enquanto aquelas mãos seguravam esperançosas folhas com palavras soltas em inglês/lusoga. Acredito firmemente que para a ONG é uma grande oportunidade receber estrangeiros dispostos a doar seu tempo para um trabalho comunitário para pessoas que até então desconheciam; e com certeza, de alguma maneira esta disposição as tocara. Porém, acredito que para um esforço ser efetivo, precisa ser contínuo e avaliado. E, principalmente, realizado por pessoas locais, facilitando a comunicação e exponencialmente aumentando o aprendizado. Essa afirmação será reforçada nos capítulos próximos, em terras distantes sul-africanas.

Os encantos proporcionados pelas inúmeras bicicletas - que como os *boda-bodas*, carregavam desde galões de água até feixes de bambu - crianças carregando seus irmãos menores nas costas, feirinhas que vendiam desde garrafas de água até todos os utensílios domésticos possíveis, dariam páginas e páginas de pura emoção e saudade.

Tive a oportunidade, em decorrência de meu projeto envolver avaliar a higiene das cabanas dispersas pelo vilarejo, visitar várias famílias e conversar, embora um tanto mimicamente, com os legítimos representantes da história que ousávamos adentrar e que aqui venho a narrar. Para eles, era uma alegria imensa me receber em suas cabanas e responder as minhas perguntas (com a ajuda de Albert, um professor da escola local). Era uma honra e, com muita reverência e agradecimento por ser recebida em suas moradas, recordo a sincera gratidão em seus olhares. A cada casa que visitava, recebia um presente diverso. Primeiro recebi uma jaca; depois, dois ovos de uma senhora que tinha aulas comigo. Como eu gostava de seu sorriso e sua presença. Recordo o significado que aquele movimento representava: os ovos eram itens preciosos; poucas pessoas possuíam galinhas. Aquelas mãos os entregaram com tanta gratidão, que os aceitei com as duas mãos juntas em concha em sinal de respeito. Apesar de terem virado deliciosos omeletes, terei na memória como um dos presentes mais especiais que já recebi.

¹⁹ Através de amigos e colegas africanos, aprendi o quanto pode ser ofensivo considerar África como um “país” ou continente homogêneo, como podia ler em algumas comunidades nas redes sociais: “Africa IS NOT a country”.

Juma, o coordenador da instituição AASU, comentou que as senhoras da vila eram extremamente pobres: viviam com menos de um dólar por dia. Neste dia, retornei à Jinja em meio a algumas lágrimas: como eu poderia em alguns momentos não valorizar o que tinha? Infelizmente, pude vivenciar o que muito das estatísticas mundiais afirmam sobre as precárias condições de vida de muitas comunidades africanas.

No entanto, após algum tempo - e ressalto que, apesar de estar te narrando em ordem cronológica, os tempos em minha escrita misturam-se, pois algumas reflexões foram realizadas posteriormente ao momento vivido que agora narro - pude ver aquele mundo como outro, e apreciá-lo com novas interpretações. Ao ler o livro do moçambicano Mia Couto, “E se Obama fosse Africano?”, pude analisar a situação de maneira diferente. Como diria Mia, em muitas línguas africanas, a palavra “pobre” tem o significado de “órfão”. “Ser pobre é perder as redes familiares e as de teias de aliança social. Mora na pobreza quem perdeu o amparo da família” (COUTO, 2012, p. 84).

Ao percorrer aqueles caminhos de terra em meio a plantações de batata-doce e inhame, admirava as grandes jacas dependuradas naquelas árvores onde sob suas sombras repousavam cabras e parte do gado. Os alimentos, apesar dos períodos de seca, proporcionavam uma alimentação saudável para os moradores da vila. As crianças, mesmo trajando roupas que muitas vezes eram trapos antigos e desbotados, brincavam alegremente no chão de terra do quintal de suas casas. Muitas famílias reuniam-se aos finais de tarde para degustar uma interessante - mas não posso dizer gostosa - cerveja artesanal produzida na vila. Podia reparar que apenas estava vivenciando, talvez, a maneira que toda nossa ascendência humana vivenciou antes de arranjar outras formas de subsistência e sobrevivência. Teríamos o direito de enquadrar uma situação de pobreza por ela apenas não se enquadrar ao que aprendemos em nossa criação como essencial para vivermos confortavelmente? Por que levar educação para aquelas áreas, sendo que a tradição do conhecimento oral já quase esquecido ali ainda era praticada?

Sob a luz das estrelas, ao redor do fogo de chão que esquentava nossa comida. Jim, meu colega chinês, contou uma história, que tentarei reconstruir conforme minha memória. Mas garanto que o sentido principal da mesma será repassado:

Imagine um local isolado, distante dos sete cantos do mundo, onde as pessoas vivem felizes com o pouco que possuem. Você por acaso tem a chance de descobrir este lugar. Pode levar sua descoberta para o mundo, e muitas pessoas vão querer conhecer este lugar tão incrível. Mudanças, desejos de trazer progresso, desenvolvimento, podem surgir. Você então decidiria divulgar este lugar para o mundo, ou deixá-lo esquecido?

No dia seguinte, tivemos, como um presente de despedida, o momento pelo qual mais ansiava desde que cheguei ao continente mãe e seus pedaços que habitei: vivenciar uma de tantas danças tradicionais em seu local de origem! Aqui, palavras já não posso utilizar para descrever... Quem sabe, o leitor compartilhe de meu sentimento ao observar o vídeo que foi produzido neste momento²⁰.

Malas prontas após longas e já saudosas despedidas. Ali havia encontrado novos olhares, multiplicidades, desafios e, principalmente, amigos. Desde Austrália até a Costa do Marfim, novos abraços de cumplicidade e carinho me tocaram. Saio apressadamente de madrugada em direção a Entebbe. Nas mãos tinha as passagens para Johhanesburg, África do Sul, enquanto meu pensamento e meu coração permaneciam em Jinja. É hora de iniciar uma nova aventura.

²⁰ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=541907VDTNo>

CAPÍTULO II

Contrastes

“Welcome to Cape Town”

Despedi-me assim do vermelho mais vivo e da poesia mais pura, sincera e intensa que tinha sido escrita nos andares de minha breve existência. Após algumas horas de voo e muitas lágrimas, ao sobrevoarmos as magníficas cadeias montanhosas de Transkei, já em território sul-africano, a curiosidade pelo momento desconhecido a vir iniciava um novo momento de exaltação e adrenalina. Em um copo da companhia aérea *South African Airways*, li a frase, em ishXhosa²¹ “*Ukuhamba kukubona*“, que significa “Viajar abre uma janela para o mundo”. Após ter vivido uma das felicidades mais sinceras de minha breve existência, me considerei feliz por ter me permitido abrir minhas próprias janelas ao escolher realizar esta viagem. E também abrir portas (e diria também caminhos, corações), para esses desconhecidos caminhos e caminhantes que em mim deixei atravessar.

Ao som de “*Welcome to Cape Town, ladies and gentlemen*”, pronunciado pelos comissários de bordo, um dia ensolarado dava as boas vindas à África do Sul. O momento era apenas de uma curiosidade tranquila a mais um pedaço de tantas áfricas. Tentei olhar pela janela para fazer as primeiras identificações, mas sem grande sucesso. Como minha amiga Sindisiwe, que tive a felicidade de conhecer no voo de Uganda para *Johannesburg*, falava “Se acalme. Você terá muito tempo por aqui!” E eu nem imaginava que o tempo seria mais longo do que eu esperava... E então fiquei tranquila, deixando que as emoções de um novo desafio viessem em seu momento.

Tive a sensação da garota do campo em busca de ganhar a vida na cidade grande: Após dois meses em Uganda, desacostumei com muitas das influências, luxos e confortos da “vida ocidental”. Parecia que nunca ou há muito tempo eu não sabia o que era estar em uma “cidade grande”. Rodovias pavimentadas e bem estruturadas,

²¹ Embora possua cerca de duas centenas de dialetos, a África do Sul tem atualmente 11 línguas oficiais, dentre elas o isiXhosa, falado pelos descendentes Xhosa, comunidade negra predominante na Cidade do Cabo e província de *Western Cape*.

construções luxuosas e modernas, *McDonalds* e *KFC* em algumas esquinas: Como muitos falam, havia chegado à chamada “Europa à Beira-Mar”, e nem parecia que estava na África. Mas, o que poderia realmente enquadrar como África?

Lembro exatamente do primeiro dia que compareci à organização SAEP - cujo escritório ficava na esquina de minha casa, com vista para a famosa *Table Mountain*, umas das maravilhas do mundo moderno. Cheguei de cabelos trançados chamado *braids*, tranças que geralmente os africanos negros fazem em seus cabelos nos mais belos e variados estilos, chamando a atenção de meus colegas de trabalho. Fui apresentada a todos, e a enorme mesa de reuniões compunha colegas das mais diversas áreas tanto profissionais como geográficas: sul africanos, zimbabuanos, zambianos, estadunidenses, franceses, e, no caso, agora uma brasileira.

Tive a recepção mais tocante e diferente, como que um convite para a aventura sul-africana: Verônica, ou Miss V, como costumávamos chamá-la carinhosamente, cantou uma música para mim em plena reunião, que o refrão embalava-se na frase “*Welcome to Cape Town..*”. Aquelas boas vindas tocaram a pele que já se ouriçava por outra realidade africana a ser sonhada e vivida, iniciando, assim, meu trabalho nesta organização. No mesmo dia, fui junto com Miss. V assistir suas aulas de reforço em inglês em uma escola, para conhecer e me familiarizar com o local. Seria então, meu primeiro contato com *Philippi Township* e com as escolas que iria desenvolver meu trabalho.

Molo*²², *Philippi!

Na terça-feira, manhã seguinte a primeira reunião realizada no escritório da SAEP, fui junto aos colegas da ONG visitar *Philippi*, localizada na região de *Cape Flats*²³ para ter um primeiro contato com o local de trabalho e com os projetos realizados através dos voluntários e profissionais da SAEP.

²² A expressão “Molo!” em isiXhosa significa “olá”.

²³ Área arenosa semelhante às restingas brasileiras, possuindo grande diversidade biológica e tendo parte de sua distribuição encoberta pelas famosas *townships*.

Quando adentrávamos a N2, uma rodovia de conexão entre o centro da cidade e seus arredores, a grande montanha em forma de mesa reformatava-se em uma nova paisagem, perdendo sua moldura plana e assumindo formas irregulares, mas de igual beleza e grandiosidade. Estava a perceber o outro lado da mesma, que em sua sombra também aconchegava “outros lados” da Cidade do Cabo.

Após um considerável trajeto nesta rodovia, a infraestrutura aconchegante dos bairros universitários e badalados dava espaço a barracos construídos com chapas de alumínio e madeira, entrelaçados em teias de fiação elétrica que chamamos popularmente de “gatos”. Estes riscavam a pintura azul do céu capetoniano. *Philippi* constitui apenas mais um dos assentamentos informais (que por suas imagens socioambientais, lembravam muito a situação caótica e desumana de algumas favelas brasileiras, porém, em superfície plana) em um acúmulo de habitações que se perdiam de vista em direção a um horizonte de carência de recursos humanos. Assim se constituía o mosaico de *townships*, situadas na periferia da cidade do Cabo.

Lembro-me que tínhamos que pegar a saída 17, já muito afastada da cidade, e ali víamos as primeiras placas que indicavam as direções para os maiores sinais de contrastes entre realidades socioeconômicas que já então havia presenciado.

Ao iniciar pelas placas de trânsito, que indicavam que seguindo em frente adentraríamos *Nyanga*, um assentamento vizinho a *Philippi* e, virando à direita, retornaríamos a cidade do Cabo. A meu ver, essas distinções de áreas subentendiam que as *townships* não faziam parte da cidade. Este, sob meu entendimento, era apenas mais um dos legados separatistas de marginalização de certas áreas promovidos pelo antigo *apartheid*.

De fato, este mosaico teve seus ladrilhos separados da bela obra de arte original do Cabo sob a vigência do regime racista *Apartheid*, que escreveu linhas irreversíveis na história da população sul africana. O mesmo assumiu que o desenvolvimento em uma sociedade “plural” seria promovido através da divisão da população em grupos raciais, com diferentes posições políticas e sociais em meio ao sistema (DAVIDS, THERON e MAPHUNYE, 2009). Assim, populações nativas foram isoladas, através de diferentes atos legislativos como o *Land Act* de 1923 (MANDELA, 2011), que privaram a população negra do direito de

terra de 87% dos territórios, criando as favelas, politicamente chamadas de “territórios nativos”. Subsequentemente foi decretado o *Group Areas Act*, que requeria áreas urbanas separadas para diferentes grupos raciais (MANDELA, 2011). Tal marginalização político social faz dos assentamentos informais, ou *Townships*, áreas com grande carência de acesso a serviços públicos, condições precárias de saneamento básico, moradia e infraestrutura em geral. A população caracteriza-se em sua grande maioria pela baixa renda, vivendo em meio a altos níveis de violência, e carência nutricional, representando os milhões de sul africanos que vivem em meio à pobreza, que experienciam, além das desigualdades, falta de acesso ao poder econômico e político, conforme estudei em Davids, Theron e Maphunye (2009).

Adentramos então Nyanga, e lá revisitei, agora presencialmente, as imagens que há alguns meses antes apenas via por websites e vídeos²⁴: ruas pavimentadas com inúmeros barracos e casebres, que escondiam entre si becos. Nestes entravam e saíam adultos e crianças a correr em suas brincadeiras; senhoras a lavar roupas na calçada, com as famosas capulanas²⁵ colorindo a rua em formatos de saias ou lenços de cabeça; espetinhos sendo assados, feirinhas de rua e muitos jovens uniformizados estilo colegial dos anos 1960.

Após o primeiro contato com aquela “realidade” consideravelmente distante da realidade brasileira que estava habituada, porém que passaria a fazer parte, e não imaginava tão intensamente de meu cotidiano sul africano. Chegamos à Philippi, que repetia os mesmos desenhos das ruas de Nyanga; porém, reparei uma grande quantidade de lixo, que se acumulava nas calçadas e entremeava as habitações, como também banheiros e pias públicas próximas à rua, que conotavam infelizmente a ausência de fornecimento de água a inúmeras residências daquela região.

Passando por cabeleireiros e pequenas vendas que tinham suas paredes adornadas de arte urbana como *grafitti*, chegamos a uma escola para meu primeiro encontro com o ambiente escolar na África do Sul. Em meio a tantos olhares curiosos e risonhos, pois não usualmente uma

²⁴ Antes de embarcar para África, assisti a muitos vídeos do trabalho da organização SAEP, como o referente ao projeto *Hope Scholars* desenvolvido pela ONG: <http://www.youtube.com/watch?v=fVqBvf6Tf1E>

*Mlungu*²⁶, ainda mais de cabelos trançados, frequentava a escola. Fui junto a Miss V para acompanhar sua aula de inglês.

Seus alunos me contaram, muito tímidos frente à minha presença, um pouco sobre a cultura local²⁷ e também sobre o significado das cores da bandeira da África do Sul. Segundo eles, o vermelho representa o sangue do povo em sua resistência; o azul, o céu sul africano; o verde, os biomas; o amarelo, o ouro - um dos metais de exportação do país - a cor preta representa a população negra, e a branca, os brancos. É interessante que a bandeira corresponde a um Y em posição horizontal. Delineado em cor branca, engloba em seus “braços” um triângulo isósceles preto. Tal simbologia representa que, após a derrubada do regime *apartheid*, os caminhos de brancos e negros se cruzam para enfim caminharem juntos.

A aula subitamente começou a ser embalada pelo ritmo contagiante de *Marimbas*²⁸ vindo de alguma sala próxima. Ao acabarmos, seguimos para onde aquele som encantador nos chamava. Adentramos o espaço onde vários meninos tocavam em *Marimbas* diferentes. O arrepio tomou-me todas as células pilosas do meu corpo. Estava a conhecer uma outra África, que se abria em um caleidoscópio cultural completamente diverso de Uganda. O primeiro reconhecimento da área já havia me tomado de encanto pelos desafios que posteriormente seguiriam e pela curiosidade das descobertas e do viver o cotidiano das diferenças e entregar-me ao mesmo como parte da construção da aceitação, do respeito às mesmas, e da profunda reflexão de valores e questões profissionais e pessoais que iriam se materializar em atitudes e processos inesperados.

²⁶ *Mlungu*, em isiXhosa, significa “branco”.

²⁷ Nesta conversa pude conhecer a famosa Miriam Makeba, primeira cantora africana a popularizar a música sul africana pelo mundo. Vencedora de prêmios como o *Grammy*, foi também ativista pelos direitos civis. Vídeo da música “Click Song” disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=2-n83hjbbMw>

²⁸ Marimbas são instrumentos como o xilofone, de origem bantu Kimbundu (Angola) e muito tradicionais também na cultura sul-africana. Seu som encantador pode ser conferido em um vídeo de uma performance realizada pelos alunos do programa de artes da SAEP: http://www.youtube.com/watch?v=z96u_c9P8IU

As primeiras pinceladas

O primeiro encontro com a realidade de *Philippi* e as imagens que meus olhos registraram levaram ao embasamento da preparação do programa de Educação Ambiental que assumiria a liderança. Lá abordaríamos questões que teriam uma ligação com o cotidiano deste lugar.

Assim elaborei, junto à minha colega Claire - também voluntária da organização - um programa baseado nos tópicos Alimentação; Água; Lixo e Biodiversidade, que até aquele momento era um de meus temas favoritos. Posteriormente (e isto será discutido no capítulo III e IV), refleti que talvez a abordagem desses temas da maneira como foram planejados não seria pertinente para o contexto daqueles jovens que faziam diferentes áfricas existirem. Penso que os temas deveriam partir deles - apesar de sempre questionar se estavam de acordo e se interessavam pelo que estávamos trabalhando - valorizando suas experiências e emoções privilegiando sua participação, “intervenção criativa e inserção autônoma dos mesmos no processo educativo” (Barcelos, 2010, p. 21). Como diria Souza da Silva (2010), em educação não basta apenas planejarmos aulas sobre biodiversidade; aquecimento global; reciclagem de lixo, educação sexual... Mas sim valorizar as relações entre educandos e educadores e os sentimentos advindos delas.

Vários desafios englobaram este momento como: a construção do planejamento, a escrita e a condução das aulas em inglês, além da falta de recursos para o projeto: No ano de 2012, o programa de educação ambiental era o único que não possuía fundos para a realização de suas atividades.

Após realizar contatos com inúmeras organizações para uma possível parceria, dentre elas ONG's que realizavam trabalhos de permacultura, agricultura urbana, educação ambiental e trilhas, conseguimos apenas uma parceria com o Clube de Montanhismo e Ski (*Mountain and Sky Club* - MSC) da Universidade da Cidade do Cabo (*University of Cape Town*, UCT), patrocinando nossas trilhas quinzenais.

A criatividade e a reutilização de materiais encontrados no depósito do escritório da ONG como também nas ruas deram corpo à realização das atividades que planejamos para cada tópico.

Para o desespero de meus colegas que compartilhavam os poucos lugares do carro da SAEP, eu sempre levava caixas com papéis velhos, rolos de papel higiênico, cartazes, material escolar, etc, que se encontravam entulhados no meu querido e tão revirado *storage room* (depósito). Para o desenvolvimento das hortas, que contarei mais adiante, “coletei” plantas para “alimentar” o solo em toda a vizinhança de minha casa - tenho certeza que foi uma alegria para os moradores! Este ponto também é passível de reflexão: a horta foi uma proposta de meu supervisor na SAEP. Hoje, acredito que esta proposta deveria partir deles, acolhendo suas vontades no âmbito de nosso programa. Mesmo que essas correspondessem a tocar instrumentos ou dançar, por exemplo. Por que não?

Além disso, inúmeras pesquisas foram feitas sobre as diferentes províncias, biomas e realidades sul africanas e da África subsaariana em geral, para contextualizar o conhecimento que tentávamos transmitir.

Iniciamos, após um mês de escrita de projeto e delineamento dos planos de aula, nossas atividades nas escolas secundárias *Sophumelela* e *Sinethemba*, que se encontravam nas regiões de *Samora Machel*²⁹ e *Brown's Farm*, respectivamente. Essas eram áreas distintas de *Philippi*, separadas por uma das linhas de trem que serviam como transporte coletivo (Embora para percorrer o trajeto *Mowbray - Philippi* nós utilizávamos o carro da SAEP, o trem era o meio de transporte que eu mais utilizava para percorrer a cidade). Diariamente, rumávamos para as escolas através do já tão familiar trajeto da N2. Parávamos o carro para cabras, cachorros de rua e pedestres distraídos, desviando de buracos que se tornavam assustadores frente aos gritos e sustos de Kaye, a coordenadora de Artes que costumava dirigir o veículo.

Nossas idas de *Mowbray* para *Philippi* se tornavam uma hilária comédia com as gafes no trânsito de Kaye. O retorno ao escritório após

²⁹ *Samora Machel*, localizada na região noroeste de *Philippi*, é um assentamento estabelecido recentemente, predominantemente habitado pela comunidade Xhosa (COWEN, 2005). Foi lá que, com alunos da escola *Sophumelela*, realizei as oficinas que serão descritas no capítulo III.

a finalização de nossas atividades se transformavam, por sua vez, em uma terapia em grupo. Era o momento de compartilhar nossos sucessos e fracassos nas aulas, refletindo também sobre o trabalho e a realidade da região. Ou apenas comentando sobre o tão esperado final de semana nas sextas-feiras. Em doce nostalgia, sinto saudades desses momentos.

Após a aventura da equipe SAEP no trânsito “townshipiano”, esperávamos nos banquinhos do hall de entrada das escolas com nossas caixas de materiais e de lanches para os alunos - proporcionar uma refeição fazia parte da proposta da ONG, o que achei muito peculiar, pois não havia percebido isso nos trabalhos voluntários que anteriormente tinha realizado no Brasil. Um de meus colegas de trabalho, que era natural de *Philippi*, dizia que era uma atitude extremamente necessária: muitas daquelas crianças realizavam apenas uma refeição por dia.

Esperávamos, junto com nossas caixas de lanches e materiais, nos banquinhos do hall de entrada das escolas, o sinal de término do período escolar, para iniciarmos os encontros com nossos alunos no contraturno do período vespertino. Nessa espera, trocávamos cumprimentos com os professores e servidores da escola: “*Molo sisi! Molo Butie! Unjanie? Diphilile, wena?*”³⁰ Também era um espaço para aprendermos algumas palavras em isiXhosa e trocar informações sobre nossas culturas. Como eles adoravam saber mais sobre o Brasil!

Ao sentar nos banquinhos ao lado da secretaria, olhava curiosamente cartazes e advertências de programas nos murais: cuidados com HIV; questões de violência contra mulheres; violência armada em geral, além de anúncios regulares da escola. Olhava para fora e via cercas de arame farpado ao redor do colégio e pensava: o que já teria ali ocorrido? O que deveria acontecer corriqueiramente dentro e fora daqueles muros? Um aperto no coração me invadia a cada minuto quando nisso pensava. Principalmente, pelas entradas serem cercadas por grades de metal, em meio a avisos: “Esta é uma zona livre de armas”. Sentimentos de curiosidade, desafio e euforia misturavam-se na realização de um sonho que estava apenas iniciando o seu acontecer e sua construção.

³⁰ A tradução das frases em isiXhosa para o português são: “Olá irmã!” “Olá irmão! Como vai você?” “Eu vou bem, e você?”.

Ao escutar a sineta escolar tocar, pegava minhas caixas cheias de materiais e muitas vezes, nos dias seguintes, “procurava” pelas salas de aula os alunos que estavam atrasados para os encontros. Lembro-me bem que os alunos eram responsáveis por varrer as salas e organizar as carteiras antes de irem embora, e achei uma iniciativa muito interessante (apesar de que realizavam a organização pela carência de profissionais de limpeza na escola), devido à responsabilidade e cuidado que os alunos deveriam ter com o local em que convivem diariamente.

E eram naquelas salas de aula, onde alguns vidros quebrados das janelas deixavam ecoar o barulho dos automóveis da N2, nas carteiras de madeira, que conduzíamos, às terças e quintas feiras na escola *Sophumelela* e às segundas e quartas feiras no colégio *Sinethemba*, o projeto de educação ambiental da organização.

Os encontros alternavam-se entre dinâmicas, jogos e atividades voltadas para os tópicos que estávamos abordando. Deixávamos a criatividade fluir na preparação singular de cada aula, como também na realização de hortas no terreno das escolas. Juntos decidimos o que gostaríamos de plantar, após um encontro onde trabalhamos o tema “nutrição”. Todos juntos nos aventuramos, pois poucos tinham tido a experiência de plantar vegetais. Aprendemos a como enriquecer o solo para torná-lo mais nutritivo, descobrimos as épocas de plantio e colheita de vegetais específicos de acordo com as estações sul africanas, e nos divertíamos a beça achando entulhos na areia, desde colares até ossadas de cachorros!

A cada novo encontro aproximava-me mais dos meus alunos, aprendendo sobre os meios de trabalhar o conteúdo, de tornar as aulas mais interessantes e mais próximas de sua realidade, sempre buscando a opinião deles como avaliação do que estávamos fazendo, e o que gostariam de aprender conosco, que após algum tempo, entendi que tínhamos muito a aprender com eles.

Recordo-me, com muita alegria e uma vontade de retorno, sobre os olhares curiosos e indagadores em meu primeiro dia na escola, quando estava me apresentando. E logo aqueles olhares e vozes silenciosas estavam me ajudando nas aulas, quando não recordava uma palavra em inglês ou pronunciava palavras tão estranhamente que os fazia rir. Das brincadeiras que realizávamos antes de iniciar o encontro, para “aquecer” e movimentar um pouco os corpos: eles me ensinavam

algumas brincadeiras e danças que comumente faziam, e para eles, ensinei até samba!

Posso perder (ou no caso ganhar) horas e horas relembando cada encontro específico. O primeiro encontro, como introdução aos temas que abordaríamos (água, lixo, biodiversidade, alimentação) foi baseado em uma dinâmica das “cartolinas e cores”, essas representadas em verde, marrom e azul. Pedimos aos alunos para que, em pequenos grupos se posicionassem em cima das mesmas. Ia cortando pedaços das cartolinas, o que os levava a se aglomerarem cada vez mais, em abraços que formavam esculturas humanas. A analogia do compartilhar o que é comum a fim de preservá-lo demarcava o propósito de nosso processo educativo explicitado naquela atividade.

Tínhamos a intenção de relacionar os temas de um encontro com o outro, para ter uma continuidade e coesão em nosso processo educativo. Foi muito interessante o jogo de palavras que realizamos: distribuímos palavras como “agricultura”, “rios”, “fome”, “alimentos”, “conservação”, “biomas” etc. entre os grupos de estudantes que foram formados. Eles teriam que relacionar essas com o que representavam as cartolinas (terra, água, florestas). Procurava fazer com que os encontros fossem dinâmicos, interativos, e que despertassem a curiosidade e afetos dos estudantes.

Recordo que para discutirmos sobre o que nutria nosso corpo e tornava uma alimentação saudável, foi feita uma introdução ao tema com a brincadeira “salada de frutas”, que tanto me diverti em minha infância. Trocamos as frutas por “carboidratos”, “proteínas”, açúcares, e após algumas calorias gastas, iniciamos a discussão sobre alimentação.

E assim se passaram nossos encontros: sempre iniciados com um *ice-breaker*, seguido de uma dinâmica que envolvia os alunos e, posteriormente, uma discussão ou atividade escrita em grupos.

Nos finais de semana realizávamos com a ajuda de voluntários do MSC trilhas nos arredores da cidade. Era sempre uma aventura que já se iniciava nas vans que buscavam os alunos na porta do colégio: ao checar quantos estavam presentes e embarcados no veículo, coletava as autorizações dos pais e rumava junto a eles para os mais diversos locais. Posso dizer que a *Table Mountain* deve ter enjoado de nossa presença:

subimos a mesma por inúmeras trilhas diferentes, que proporcionavam sempre uma vista nova e encantadora da cidade vista lá de cima.

Achava que a proposta de apresentar outras cidades do cabo que eles desconheciam era uma oportunidade de fazê-los vivenciar e apreciar espaços que também eram seus, mas que por falta de oportunidades e principalmente recursos (financeiros e de transporte), restringiam seu lazer à região de *Cape Flats*.

Além disso, outras “saídas a campo” foram realizadas: o acampamento de férias na praia de *Muizenberg*, onde brincamos na areia, coletamos lixo da praia e até fizemos um desfile de moda com todo o lixo (copos, casacas de frutas, sacolas plásticas, etc) que produzimos no decorrer do acampamento. A passarela foi seguida de uma festinha afro-brasileira com um intercâmbio cultural de nossas danças, ritmos e culinária: passamos desde o “batuque Xhosa” feito em cadeiras plásticas até forró e capoeira, sob um teto cheio de bandeirinhas de festa junina trazidas do Brasil. Quase um *pot-pourri* cultural.

Não posso esquecer também a ida ao lixão da cidade e ao aquário, onde muitos, pela primeira vez, puderam conhecer locais como estes. Os alunos de *Sophumelela* e *Sinethemba* puderam conhecer inúmeros animais marinhos, como a estrela do mar, que nunca haviam visto. É uma gratidão sem limites pela oportunidade que me concederam de proporcionar essas atividades àqueles jovens, que eternamente, deixaram um pouco de si em mim...

Entre a condução do projeto da ONG, tomava corpo minha rotina “capetoniana”: Já me sentia pela segunda vez em casa neste continente: o pertencimento às várias Áfricas tomava conta de meus “eus” que se construía nelas a cada passo das vivências, desde o avermelhado por do sol ugandense ao encontro singelo das luzes douradas nas águas sul-africanas. Nessa terra de contrastes, meu voluntariado tornou-se meu trabalho, pois me dedicava cerca de oito horas diárias ou mais para o mesmo. Um choque acontecia a cada vez que retornava de *Samora Machel* para casa, no aconchego dos subúrbios universitários, com o conforto dos banhos quentes e facilidades de entretenimento e luxos ocidentais. Aos finais de semana conhecia belíssimas praias que adornavam o semblante dessa incrível metrópole, com a diversão nas festas e bares da *Long Street* nos finais de semana com bons amigos de inúmeras nacionalidades. As dualidades, que hoje

entendo serem multiplicidades, caminhavam lado a lado ressaltando o legado histórico de opressão. Recordei-me de amigos em Uganda comentando sobre uma viagem que realizaram para Rwanda, país também situado no leste africano: Kigali, sua capital, era tão organizada, que, segundo eles, “nem parecia África”. O mesmo escutava-se de *Cape Town*: “A Europa à beira-mar”. Mas o que seria África? Há tantas Áfricas como há tantos Brasis, inseridos nos mais diversos contextos culturais e socioeconômicos. Por que sempre tínhamos que conectar a miséria e as lástimas sociais decorrentes de regimes imperialistas passados como a África verdadeira, flagelo do mundo? Que Áfricas ventavam³¹ dentro de meu corpo que ousava flutuar entre as mais diversas realidades sul africanas, mesmo sem ter conhecido as mais severas dualidades de sua própria terra?

Descolorindo

Esses ventos que sopravam o encantamento das expectativas da “África Mágica” de minha infância dispersavam-se em meu cotidiano capetoniano, onde a admiração pelo novo e todos os seus desdobramentos descoloriam-se em palavras cinzas de questionamentos e críticas.

As idas à *Philippi* já não estavam decorrendo como planejado: alguns alunos não compareceram mais ao Clube, e sentia que muitos não estavam mais interessados. Desde o início tive uma dificuldade com sua participação, pois todos demonstravam uma timidez perante minha presença. Fui conquistando a confiança deles aos poucos. No entanto, sentia que meus esforços não atingiam todos os alunos, que demonstravam claramente certo desinteresse nos encontros. Por maior que fossem meus esforços em criar dinâmicas interativas e divertidas, e com temas que achava interessante e pertinente ao cotidiano local.

Mas atividades interessantes para quem, senão para mim, segundo as visões que adquiri ao longo de minha vida e no decorrer de meu curso de graduação? Posso aqui por em questionamento que talvez essas aulas não diziam muito deles, fazendo com que não se encontrassem nas atividades e nos assuntos. Hoje vejo que o propósito da diversão como maneira atrativa, embora interessante, não é o

³¹ Escrevo assim em sintonia com o projeto de pesquisa de Alik Wunder, que produz imagens a partir da pergunta: que áfricas ventam em você?

suficiente para uma aula tornar-se efetiva. A educação e suas maneiras de efetivação devem ser constantemente questionadas, principalmente junto aos sujeitos que fazem com que ela aconteça: os próprios educandos.

Esse “afastamento” da proposta inicial do projeto evidenciou-se em falas e atitudes de meus alunos, as quais marcaram e profundamente me tocaram. Em um dia na escola *Sophumelela*, quando estávamos abordando a temática “Lixo”, lembro-me que Odwa, um dos meninos que sempre frequentava nossas vivências, riu e comentou:

“Anastácia, você pode pensar assim. Mas nós, pessoas negras, não pensamos assim. É só olhar ai pra fora (em referência ao território de Samora Machel-Philippi) e você vai ver...”

Neste dia, um voluntário pontual (alguns estudantes, principalmente europeus, se disponibilizavam para me acompanhar em minhas aulas) estava presente, e ele olhou-me com olhos saltadamente arregalados: neste momento, estava tão profundamente chateada pela colocação quanto ele. Foi interessante que o assunto que desencadeou a colocação foram dicas “ecologicamente corretas” que o voluntário sugeriu. Como seria importante, por exemplo, reutilizar as sacolinhas plásticas adquiridas nos supermercados. Fiquei até um pouco sem jeito: é muito difícil achar um supermercado na região.

Em uma situação não temporariamente tão distante, tive a oportunidade de caminhar com as meninas do clube da escola *Sophumelela* até uma escola próxima, onde encontraria os voluntários da SAEP que ali realizavam oficinas diversas. Elas ainda estavam com os potes de iogurte que tínhamos levado como lanche nas mãos, e não hesitantemente, jogaram os mesmos no chão, na minha frente, após uma discussão sobre a saúde do local e atitudes para diminuir a quantidade de lixo nos arredores da escola. Entre meus questionamentos, a resposta foi tão duramente tocante:

“Olhe para tudo isso ao seu redor. As coisas aqui nunca mudarão. Não adianta eu fazer nada, se todos continuam fazendo...”

Podia começar a observar que estava ficando profundamente abalada com aqueles sentimentos, iniciando um processo de inserção ao *espaçotempo*³² que viviam aqueles jovens.

Visitar *Philippi* diariamente era como revisitar páginas da história de dor e desumanidade ocorridas na época do *Apartheid* que, como em capítulos recém lidos, ainda insistiam em marcar as ruas, pessoas e relações com indiferença, descaso, desamor. Relacionava o movimento de meus alunos com o que Freire (2011) afirmava sobre a condição de opressão, que de “tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber, que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade” (p. 69).

Meu corpo pesadamente sentia o cansaço de uma revolta inconsciente que dava suas pulsações iniciais de descontentamento: as indagações eram inevitáveis, pulsavam, queriam espaço, queriam um olhar muito mais atencioso e dedicado pela responsabilidade que talvez um tanto “despreparadamente”, assumi: por que àquelas crianças se interessariam em temas “ambientais” se teriam inúmeras questões sociais, econômicas e familiares que as afetavam diretamente em primeira instância? Qual seria, então, a efetividade de todo aquele esforço que eu estaria realizando para satisfazer os encantos de minhas próprias paixões?

Não obstante, algumas vezes, mesmo fora do projeto, deparava-me com questionamentos incisivos sobre o porque de minha atuação nas favelas de *Cape Town* e minha presença na África do Sul. Até em lugares um tanto inesperados, como em bares que frequentava regularmente nos finais de semana com amigos, fui abordada, em momentos diversos, por desconhecidos para discutir questões sociais e históricas:

“... Na África, nossos problemas são complexos... Se o problema é AIDS, não adianta vir e querer distribuir preservativos. As raízes dos problemas são multilaterais...”

³² Grafado segundo Ferraço (2007), pois, para este autor, a partir da pesquisa de Nilda Alves, o espaço e o tempo são indissociáveis.

“... Se existe alguma palavra que eu não gosto é ajuda. Você não vem aqui para ajudar... não ajude. Ao invés disso, faça algo que seja sustentável, Anastácia”.

“... Você é brasileira? Pela sua feição, pra mim não parece... Estamos nesse bar, as pessoas gastando um monte de dinheiro com drinks e outras bebidas, enquanto que nós, negros, a maioria de nós, temos que trabalhar muito mais do que todo mundo para conseguir alimentar nossos filhos...Eu odeio o Waterfront, aquele lugar, feito pelos brancos, onde só vão brancos...Eu odeio os brancos porque, meu avô, na época do Apartheid, morreu lutando por libertação...”.

“... Você trabalha em Philippi? Nossa, é mesmo? Mas não tem apenas pessoas negras por lá?”.

Apesar de sempre estar aberta para conversar, e acredito que essas conversas também contribuíram grandemente para todo meu crescimento e a ideia de construção deste projeto de trabalho, sentia angústia com frases recheadas de mágoas, de dores da memória, de julgamentos. Em meu local de trabalho, nos *mini-taxis*, dentro dos trens lotados, via, sentia, respirava o desprezo e os conceitos prévios. Estes começaram a descolorir meus dias, como as tempestades em tons de cinza que encobrem a grande montanha em forma de mesa, onde as nuvens conseguem escurecer, momentaneamente, a beleza de sua presença.

Por algum momento, cheguei a contestar minha própria credibilidade e presença: o que estava realmente fazendo ali? Por que uma estrangeira, branca, vinda do outro lado do Atlântico, teria a ousadia de tentar ensinar qualquer coisa em uma terra distante da minha terra natal? Onde se falam outras línguas, vivem-se costumes distintos? Onde cotidianos se chocam com a realidade a que estava confortavelmente habituada?

Silêncio. Mãos sinestesiavam emoções transfiguradas naquelas folhas de papel...

CAPÍTULO III

Releitura

Era como se pegasse os muitos cacos de mim, quebrados e retalhados em palavras que transmitiam sentimentos tão meus e tão próprios, porém escritas por outras mãos e pensadas por outras mentes. Era como se os juntasse em um mosaico espelhado refletor de minha própria experiência. É até curioso como os sentimentos podem estar tão próximos entre as pessoas, mesmo que os fatores desencadeadores desses mesmos tenham origens geográficas, sociais e econômicas distintas... Talvez por isso seu significado carregue o sentir, verbo que despreza qualquer classificação, origem ou preconceito, apenas atende às sutilezas de nossos sentidos.

Também neste momento, estava cursando as seguintes disciplinas na Universidade da Cidade do Cabo (*University of Cape Town*, UCT): Desenvolvimento de Jovens e Comunidades, do Serviço Social; Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento, das Ciências Ambientais; e Dança Africana. Todas elas foram fundamentais e de uma agregação de novos conhecimentos de crucial importância para uma maior compreensão do trabalho que estava realizando na ONG, como também de suas visões, metas, objetivos e estruturação burocrática.

Através da aproximação de leituras como os livros de Schenk, Nel e Louw (2010) “Introduction to participatory community practice” e Davids, Theron e Maphunye (2009) “Participatory development in South Africa”, tive os primeiros contatos com o conceito de “Desenvolvimento centrado em Pessoas”, que se estrutura nos seguintes blocos de atuação dos praticantes do desenvolvimento (facilitadores e representantes das comunidades) nas comunidades: participação pública; aprendizado social ou Conscientização (Freire, 1972; 2009); Empoderamento e Sustentabilidade (DAVIDS, THERON E MAPHUNYE, 2009).

Para entender aquele afastamento e silêncio dos jovens em minhas aulas, comecei a perceber a necessidade de estudar as dimensões de seus contextos nas esferas ambientais, políticas, sociais, econômicas e culturais, conforme lia em Davids, Theron e Maphunye (2009). A análise do contexto onde viviam levaria ao seu próprio desenvolvimento pessoal baseados nas propostas de Desenvolvimento positivo de Jovens

e Desenvolvimento Comunitário de Jovens (CYD)³³, de Connel & Gambone (2002): a criação de oportunidades para os jovens de estabelecer conexões e desenvolver habilidades para contribuir para suas comunidades.

Isto também levou a uma compreensão dos fatores de risco que influenciam os jovens desde questões biológicas e psíquicas inerentes, passando por influências familiares, escolares e comunitárias, até as históricas, sociais e nacionais. Todas estas são analisadas em Micro, Meso e Macrossistemas como o modelo ecológico de Bronfenbrenners (1979). Para um trabalho da universidade, criei um sistema ecológico dos fatores de risco baseados em *Philippi*, o qual se encontra digitalizado nos anexos de meu trabalho.

Acreditava assim que grande parte dos trabalhos relacionados à Biologia, e muitos projetos que já havia participado, desconsideravam e até marginalizavam as questões do desenvolvimento social e econômico, reduzindo as pessoas a meros assimiladores de informações. Neste momento, via tais questões como saberes e pontuações imprescindíveis de consideração no meio onde estava trabalhando.

Comecei a me questionar sobre a paixão inicial pela Biologia, como também sobre as aulas de lixo, água, biomas sul africanos. Tão carinhosamente planejadas, onde tantas vezes nos divertíamos tanto! Estava me afastando do que aquela jovem garota sonhadora tinha se proposto a fazer muito provavelmente pelo resto de sua vida? Por onde voavam os encantamentos com os desbravamentos das trilhas cheias de taquaras e samambaias, onde aventurávamos-nos com facões e lanternas, buscando pegadas e parando para admirar a serenidade do canto de aves desconhecidas? Deveria, então, seguir um rumo diferente em minha atuação profissional, aos quais aparentemente meus novos interesses estavam me direcionando?

Um contato estabelecido com o “Grupo Tecendo: Estudos Culturais e Educação Ambiental”, me aproximou de novas referências e

³³ Objetivos do CYD: Competência nos estudos acadêmicos, social, emocional e em áreas vocacionais; Confiança no que se está tornando (identidade); Conexão consigo e com os outros; Caráter que vem de valores positivos, integridade e forte senso moral; Cuidado e Compaixão; Contribuição para famílias, escolas, vizinhança e comunidade.

autores, que resignificaram meu próprio conceito do que seria educação ambiental, como afirma Reigota (2009):

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (p.13).

Uma nova sensação de pertencimento a ideias dantes desconhecidas mostraram aos meus sentimentos um tanto confusos, que já estava praticando esta Educação Ambiental.

Tive o entendimento, segundo Ferraço (2007, p. 77), que era necessário “pensar o cotidiano como redes de *fazeressaberes* tecidas pelos sujeitos cotidianos”. E estes eram representados - colocarei entre parênteses seus apelidos - por Simphenati (SP); Asanda (Assay); Phumlani (Lani); Odwa Nontyi (Odz); Odwa Mncedi (Ory); Bantubonke (SBU); Zimkhita Mjakada (Zimee); Jayson Malinga (DJ) e Senzo Zondo. O número de alunos do clube da escola *Sophumelela* inicialmente era dezesseis. No entanto, foram estes que participaram dos encontros até dezembro.

Pela afinidade que construí com eles, e pelo fato de no segundo semestre de 2012 ter assumido apenas as atividades na escola *Sophumelela* - por estar cursando disciplinas na UCT - optei realizar o

trabalho apenas nessa escola. Nos relatos que seguirão, citarei suas presenças carinhosamente pelos apelidos: era como os chamava no começo por ter certa dificuldade de pronunciar alguns de seus nomes (coisa de *Mlungu*, diziam); após um tempo, era pela simples aproximação e cumplicidade.

Eram, então, esses jovens que todos os dias percorriam aquelas ruazinhas estreitas, cheias de carros que ecoavam buzinas, cruzando o campo em meio às ervas daninhas e lixo para chegar à escola... Esses jovens, que, com muito carinho, lembro de seus sorrisos; seus jeitos particulares de levantar a mão para fazer uma pergunta, ou falarem todos juntos ao mesmo tempo; da postura que expressavam ao sentar nas cadeiras quando estavam interessados ou com total desinteresse... Jovens eram esses que, apesar de eu conhecer de maneira minuciosa seu comportamento, devido à convivência prolongada - cerca de seis meses - restringia-os àquele ambiente escolar.

Minhas críticas sociais sobre o espaço de contestação então se tornavam carentes de conteúdo, visto que ainda não havia indagado sobre as opiniões pessoais dos representantes daquele território. E eu os encontrava semanalmente, às terças e quintas-feiras. Ferrazo (2007, p.78) também afirma que “Assim como as redes de *saberesfazeres* não se limitam ao território das escolas, também os sujeitos que as tecem não se reduzem aos sujeitos que lá estão por ocasião da realização das pesquisas”. Eles tinham histórias escritas em *Samora*, ou que iniciaram em terras distantes de outras províncias antes de ali chegarem... Sonhos, desejos, ambições que desenvolveram em seus cotidianos naquele espaço, e assim, moviam seus entendimentos sobre o mesmo, numa multiplicidade de Philipppis e Áfricas que estavam dentro de cada um. Portanto, tornou-se imprescindível para mim dar voz aos que já tanto me escutaram, e tornar-se agora, ouvinte. Iria propor aos meus alunos para serem não apenas sujeitos ou objetos de meu trabalho, mas também autores-autoras³⁴ do mesmo.

Foram elaborados e planejados quatro encontros com atividades pedagógicas organizadas em oficinas, que pudessem dar visibilidade aos olhares, percepções e sonhos dos estudantes perante sua comunidade. O intuito inicial era explorar as aptidões pessoais dos jovens, de uma maneira a despertar uma maior sensação de pertencimento e

³⁴ Inspirado em Ferraco (2003).

responsabilidade perante aquele ambiente em que viviam. Tal condução proporcionaria um maior engajamento e compreensão socioambiental. Eu não saberia, no entanto, que muito do planejado mudaria e não ocorreria conforme eu esperava; mesmo assim, para minha surpresa, deixou a pesquisa muito mais interessante e especial. Estava iniciando um processo de libertação academicista e sistematizada, pois “qualquer tentativa de sistematização de um conceito do cotidiano implica, fatalmente, seu engessamento” (FERRAÇO, 2007, p.77).

Eu seguiria aquelas vozes e os caminhos que seus timbres conduzissem. E, com base na escrita de Karam (2013), tudo que me tocaria, teria espaço. Fugindo da visão de enquadramentos que vinha realizando, queria multiplicar os olhares sobre este ambiente (KARAM, 2013). Nada mais confiável e legítimo que abraçar as histórias e receber, com olhares atentos e ouvidos atenciosos, os ensinamentos de quem faz àquele cotidiano.

Incorporando esses objetivos, separamos os materiais necessários - como cartazes, folhas, lápis de cores, sucata e tudo mais que promovesse sua expressividade - para utilização pelos alunos, como também câmeras filmadoras para registro preciso de suas falas e do desenvolvimento da oficina em si. Em busca da construção de um mosaico de *Philippi* constituído por histórias únicas repletas de lembranças, iniciamos o processo que em isiXhosa chama-se *Sakhoni Sonke*: construir juntos

CAPÍTULO IV

*Sakhoni Sonke*³⁵

Os ladrilhos que encaixamos: início da construção

Heritage Day, ou dia do Dia da Herança Sul Africana. Como marcamos a data da primeira oficina com uma leve antecedência, não lembrei, naquele momento, que no dia 21 de setembro comemora-se esta data na África do Sul - que valoriza as culturas tradicionais e o orgulho sul africano. Ressalto esta informação, pois este dia teve forte influência nas texturas, espessuras e cores que surgiram em meio às caixas recheadas de lápis de cores, tintas, papéis e cartolinas que eu e Claire levamos ao colégio. Algo que não representava para os funcionários da escola, já acostumados com nossos “carregamentos móveis”. Era época de provas e exames, porém, uma deliciosa música soava distantemente nos arredores de *Sophumelela*.

Os alunos estavam apresentando danças tradicionais como *Marabi*, *Boots Dance* e *Iscathamiya*. Não pude deixar de repousar as caixas no chão momentaneamente, deixando fluir em meu corpo a energia vinda dos tambores. Como eu admiro, com todo meu reverenciar, aquela arte que dança corpos, sorrisos, almas... Como eu era apaixonada pelas africanidades! Imaginei novas formas de realizar meu trabalho educativo, e eles poderiam começar com a dança... Mas essa é uma história para outros relatos!

Admiramos um pouco aquele momento e fomos “à busca” de nossos estudantes: SP já estava a postos, e se prontificou a nos ajudar a encontrar todos os outros colegas para iniciarmos as atividades propostas. Fomos caminhando lentamente para a sala, pois, em seis meses de encontros com os meninos e meninas, já estava acostumada com os atrasos.

Ao esperar todos chegarem, pude retomar o planejamento, as expectativas, e as indagações que surgiram de realizar uma atividade totalmente nova, tanto para mim como para os estudantes. Chegaram à

³⁵ A montagem das oficinas foi realizada a partir de conversas que eu e o professor Leandro Guimarães realizamos pela internet, devido a distância que nos separava entre os atlânticos.

sala DJ, Odz, Sbu, SP e Lani. Como as meninas ainda não haviam chegado, fui distribuindo os materiais (revistas, jornais antigos, papéis coloridos, cartolinas, antigos calendários) pelas mesas. SP, já muito curioso, começou a pegar várias cartolinas que aparentemente lhe interessaram, e se direcionou a Claire, perguntando a razão daquela atividade. Como não consegui explicar meu intuito para todos, visto que tivemos alguns desencontros antes do início das oficinas (época de provas, nem todos os alunos compareciam às atividades extra classe), comentei que gostaria de saber mais deles. Conhecer um pouco mais de suas histórias, suas vidas naquele local, e como eles se viam naquele ambiente. E que eles poderiam me transmitir isso da forma que mais se sentissem à vontade: com desenhos, pinturas, recortes... Ao final, montaríamos um grande mosaico do que seria *Philippi* para eles. Assim, perguntei se eles sabiam o que era um mosaico. Todos me olharam um pouco confusos, e expliquei o conceito artístico do mesmo que gostaria de incorporar na arte da vida: construiríamos em grupo uma grande representação da comunidade através de suas histórias e vivências. SP disse querer fazer algo grande, e logo pegou a maior cartolina para ele.

Logo as meninas chegaram das apresentações do colégio, e para envolver todos na atividade, pedi aos meninos que explicassem o conceito de mosaico que tinha lhes explicado anteriormente. SP, prontamente, disse-lhes que ele representa “pedaços da vida...”.

Naquele exato momento, achei que ele não tinha entendido direito minha explicação, visto que minha expressão na língua inglesa ainda não apresentava tamanha fluidez. Hoje, ao ler e reler essas histórias vejo como sua explicação vinha em perfeito encontro a todo ideário daquele projeto: não iriam eles representar memórias de sua infância e adolescência, coletando “cacos” coloridos de sons, brincadeiras, sonhos? Que “colados” conduziriam a uma introdução do mosaico de suas próprias vidas? Quem sabe, caso não o tivesse ajudado a terminar a explicação, teriam todos eles mergulhado muito mais intensamente em suas memórias...

Materiais revirados, cores escolhidas. Porém, olhares confusos. Todos se espalharam pela sua, e para minha surpresa e alegria, estavam muito focados em iniciar a criação de algo:

“... Estamos muito ocupados trabalhando, não nos precisa dizer o que fazer.”

Após esta frase, dita por SP, que no momento souu hilária para todos nós, e juntos demos risadas, pude perceber que eles estavam valorizando muito aquele momento: teria alguém antes pedido a eles para contar suas histórias? Afora alunos do colégio que recebiam em seus contra turnos orientações profissionais, reforços, “guias para vida”, alguém já havia parado para saber suas atividades favoritas, e onde eles as praticavam? Lembro que perguntei a eles isto em nosso primeiro encontro no início do ano, recebendo olhares curiosos e indagadores sobre a nova *Mlungu* educadora ambiental...

As mãos continuavam incessantes: cartolinas coloridas se transformavam em flores e bolsas, confeccionadas tão cuidadosamente como em um processo de tear. Em um primeiro momento, meu olhar seria de uma fuga do tema proposto. Apesar de me abrir a uma nova proposta que naquele momento para mim era tão inovadora, ainda sentia uma necessidade de “enquadramento” de “resultados” que respondem a “objetivos”.

SP se dirigiu a mim, após algum tempo, com a cartolina ainda vazia:

“Eu gostaria de escrever uma frase aqui, como um título. Mas ainda não sei bem o que escrever; estou confuso. Algo que me inspirasse a continuar o trabalho... Mas estou confuso, não sei bem o que escrever, nunca estive tão confuso em minha vida... Gostaria de falar algo que as pessoas teriam que dividir, compartilhar com a comunidade...”

A primeira frase tocou-me de imediato. Perguntei-me da complexidade da atividade, e se já teriam sido expostos a tais tipos de ações educativas. A atividade, porém, é simples, mas a complexidade está naquilo que ela toca, movimenta e inspira. Confesso que também estava confusa. Meus colegas de trabalho estavam confusos. Meu coordenador e a diretora da SAEP também ficaram um tanto confusos (neste momento o leitor tem vontade de rir?), apesar de acharem que esse trabalho seria muito inovador e fantástico – até gostariam de considerá-lo como parte do processo de inovações em educação da instituição. Mas a confusão, o “perder-se”, traz inúmeras oportunidades de acharmos saberes que não enxergaríamos em outro momento devido a nossa angustiante busca por um procedimento padrão. Como diria Barcelos (2008):

Não é possível estabelecer a priori uma metodologia a ser utilizada numa determinada situação. Ou seja: parto da idéia de que é fundamental, para obtermos sucesso em nossa ação educativa e pedagógica, o estabelecimento de uma conversa, para, a partir, desta, promover uma relação de acolhimento e de cooperação no e com o grupo com o qual estamos querendo desenvolver nossas atividades educativas (p.23).

E esta conversa de acolhimento se daria através da escuta cuidadosa das reflexões e ideias dos alunos perante o que iriam confeccionar.

Nos papéis que trouxemos, muitos poucos desenharam: como em meio a revistas trouxemos alguns calendários antigos que se encontravam na ONG, com imagens turísticas da Cidade do Cabo - *Waterfront, Table Mountain, Cape Point...* - eles foram facilmente atraídos pelos recortes dessas gravuras. Lugares de uma considerável beleza arquitetônica, cênica e natural, que aos olhos do mundo entende-se por África do Sul. Apesar da atividade estar pautada em suas criações sobre a visão da comunidade onde vivem e de suas histórias cotidianas neste ambiente, eles escolheram imagens bonitas, que muito se distinguem da realidade encontrada em *Philippi*. E escreveram mensagens de boas vindas, como “Bem vindo à Cidade do Cabo”. Convidar a outros para admirar a beleza desses lugares me fez refletir que, apesar de não representar exatamente onde viviam, demonstravam a apropriação de um ambiente que é seu, porém não faz parte de seu cotidiano. Por que *Waterfront* não seria um local de sua “comunidade”, se todos também são “capetonianos”? Recordei-me muito da conversa de bar com um sul africano sobre sua revolta com lugares elitizados como *Waterfront* que, nada mais são do que domínio público, pertencente a todo cidadão sul-africano. No momento que encaramos essa representação como uma falta de pertencimento a suas vizinhanças, não estaríamos apenas realçando os contrastes que tanto venho questionando?

Embora diferente do que eu inicialmente esperava (e fico realmente feliz com isso!) vi engajamento e motivação como há tempo não via percebendo em muitos deles. Fragmentos, pequenos “cacos” de

vidas que com certeza rememoram lugares geradores de lembranças, sentimentos, dúvidas e aspirações. Coletei todos esses “cacos” para na semana seguinte, em nosso próximo encontro, encaixá-los em um mosaico de histórias.

Juntando as partes: um mosaico que se forma?

Após o recesso escolar dos estudantes, retornamos à escola para nosso segundo encontro, com todos aqueles “pedaços” de vida recheados de contos... Com alegria, fomos a nossa habitual “busca” dos alunos no pátio: quase todos estavam presentes! Minnie, uma das meninas que não havia comparecido no primeiro encontro, assim como dois estudantes novos, que não participaram das atividades que conduzi durante o ano fizeram questão de participar. Os acolhi em nosso círculo como os demais³⁶. No entanto, senti falta de SP e Odz, que provavelmente ainda estavam viajando em visita às suas famílias.

Tivemos uma breve conversa sobre a pausa e o que fizeram. Convidei-os a sentarem em círculo. Relembrando as atividades realizadas na última semana, perguntei a todos se eles se recordavam do propósito da primeira oficina. Pausa. Silêncio...

“... *A comunidade. Você pediu a nós para representar a nossa comunidade.*” disse Senzo.

Instiguei-os, então, com muita curiosidade, a contarem para mim o que cada uma daquelas produções representava:

“Meu nome é Senzo, estes são meus colegas Jason e Pumlani, e vamos apresentar o nosso trabalho, nosso mosaico... Aqui se vê o Waterfront, onde nós gostaríamos de tocar como DJ’s, pois teria muitas pessoas para nos assistir, e seria perto do mar...Além disso, ali recebemos inúmeros turistas: poderíamos mostrar nossa arte para o mundo”.

“*E o que seria essa escrita em grafitti?*”, perguntei.

“*Ah, é o nome que queremos dar para a nossa gravadora,*” disseram.

³⁶ Porém, decidi que não traria suas falas e participação na escrita deste trabalho, visto que não tive contato com os mesmos no decorrer do ano e não os conhecia como aos meus alunos: e, portanto, não fizeram parte do processo que justificou a criação dessas oficinas.

A questão de estar próximo ao mar chamou-me a atenção. A alguns quilômetros dali, perto de *Kayelitsha*, a maior *township* da Cidade do Cabo, encontrava-se a praia de *Muizenberg*. No entanto, a proximidade ao mar remetia a uma aproximação ao *Waterfront*, como local de status profissional e de classe. Também me recordei da exuberância do litoral sul africano, e da carência de oportunidades que muitos tinham de visitar aqueles lugares tão seus, mas que dificilmente frequentavam, por questões de má administração do transporte público e, principalmente, elitização dos espaços públicos... Mas os sonhos, e o desejo de se expandir ao mundo surgia, estava presente. E isso os impulsionava a buscarem oportunidades de torná-los conquistas profissionais.

SBU deu continuidade aos relatos. Ao observar sua produção, perguntei a ele o por quê da decisão de ter utilizado tais imagens e colagens para representar a comunidade daquela maneira. Ele iniciou explicando que estamos em uma nova África do Sul:

“No passado, tínhamos o Apartheid, e não podíamos misturar brancos e negros... As pessoas agora estão juntas, em um coração e um amor - Em relação a frase que em vibrantes cores desenhou em sua cartolina, “One Love, One Heart”- Nós estamos começando a desenvolver isso”, finalizou SBU.

Ele também comentou que agora, por exemplo, no esporte *Hugby*, existem brancos e negros jogando juntos - e não apenas brancos, como o *Hugby* era representado no passado - assim como no futebol. Sobre as outras figuras - recortadas e selecionadas dos calendários antigos- com lugares turísticos, disse que representam o que os turistas querem ver: *Table Mountain*, *Waterfront*, as belezas da cidade:

“Eles vem para cá pois as pessoas se amam, gostam da vibe do lugar”, afirmou ele.

Em sequência, apontou para uma imagem de uma garota negra em meio a crianças brancas, e disse que queria mostrar a outros países que a África do Sul mudou. Neste pedaço de África que se renova, crianças negras podem frequentar escolas “brancas”. Com base nesse ponto, perguntei a ele se a idéia da “integração” escolar entre diferentes etnias o agradava. Ele respondeu positivamente, pois, em sua opinião, as escolas “brancas” eram sérias, e as crianças poderiam aprender coisas

novas. Questionei o que seriam essas coisas diferentes e novas, e ele me respondeu que nessas escolas, se poderia aprender inglês muito bem, pois nas “black schools” os professores falam mais ishXhosa. Refletindo rapidamente sobre a colocação, visto que na África do Sul a condução das aulas na língua inglesa é obrigatória - devido ao fato de o ensino superior ser unificado na língua inglesa – os indaguei se seria uma predileção ter aulas em inglês e o por - quê. Eles responderam que o mundo inteiro fala inglês, então eles também precisam aprender:

“Gostaria que minha escola fosse a número um na África do Sul”, disse.

“E o que seria necessário para isso acontecer?”- Interroguei.

“Ah... os alunos precisam estudar bastante”, respondeu ele.

Agora havia chegado a vez das meninas. Odwa iniciou, relatando, com grande entusiasmo, que ela tinha confeccionado as bolsas e flores de papel, pois gostaria de ser designer gráfica. Na verdade era sua segunda opção: a primeira seria economista. Disse que gostava de criar suas próprias coisas, e que também tinha interesse em estudar moda, pois gostava de cores vibrantes. Porém, não sabia relacionar aquilo com a comunidade: apenas quis representar seu desejo e ambições profissionais. Foi interessante que a opção da criação os levou não apenas a representação do que eu os havia indagado, mas a seus desejos, sonhos e vontades que vão muito além daquele *espaçotempo* vivido em *Philippi*. Eram desejos intrínsecos - e talvez construídos em seus cotidianos na comunidade - portanto, desejos também planetários, pois o que está dentro e toca, se refere a espaços outros inconcebíveis de limitação geográfica. Talvez minha ideia principal do trabalho (representação da comunidade e, logo, também de seu ambiente, como maneira de expressar as histórias vividas em seu cotidiano) tinha tornado o mesmo limitado àquela região: no entanto, as próprias percepções dos alunos iniciaram a quebra dessas barreiras, trazendo novas temáticas em cada fala.

Para finalizar, Assay iria comentar sobre seu trabalho:

“Escrevi “Heritage Day” porque na África do Sul é o dia em que celebramos nossa cultura... Não sei sobre outros lugares do mundo, mas nós celebramos nossos hábitos, as coisas que fazemos, as roupas

que usamos em diferentes culturas, como as vestes dos Xhosa, as vestes dos Vendas... Escolhi essas fotos (de lugares bonitos e imagens de jornais que mostravam pessoas abraçadas), porque agora nós não estamos sós... Como ele disse (SBU), os negros não compartilhavam os mesmos lugares com os brancos. Por exemplos, existiam lojas com entradas separadas, uma porta para negros e outra para brancos: se um negro entrasse na porta de brancos seria preso, ninguém dividia nada. Agora, vamos para o centro, e podemos ver brancos e negros juntos, nos mesmos lugares, dividindo tudo”, concluiu.

Ela também escolheu fotos de um aquário, para simbolizar a saída de campo que realizamos para o aquário da Cidade do Cabo, através do Clube do Meio Ambiente da SAEP; figuras que representavam a natureza, que a fazia lembrar das trilhas que realizamos nos finais de semana. Outras figuras mostravam jardins, pois ela aprendeu como cultivar vegetais através do clube e, finalmente, imagens de água e animais, pois aprendeu sobre conservação de água e da vida selvagem em nossas aulas. Assay foi a única aluna que fez suas escolhas baseadas nas aulas que tivemos durante o ano, enfatizando a importância que provavelmente elas tiveram para ela. Fiquei muito feliz neste momento, pelo fato de que o compartilhar do conhecimento que eu carregava havia sido acolhido, ao menos para alguns alunos: isso já fazia todo o meu esforço valer a pena.

Perguntei, com base em seu relato - e também nos dos demais - se eles acham, através de sua visão jovem e por viverem em um momento de reconstituição e reconciliação, se as mudanças estavam realmente acontecendo. SBU disse em alto e bom tom que sim; já Assay disse que apenas um pouco:

“Ainda existem pessoas que menosprezam as pessoas negras... Essas pessoas não acreditam em humanidade, não acreditam em unidade”.

E então questionei o que eles achavam que era preciso para a situação melhorar: neste exato momento, percebi a dificuldade de minha pergunta, e meus pensamentos foram compartilhados por Claire, que imediatamente exclamou: “Uou! Esta é uma pergunta difícil”. Apesar disso, SBU manifestou-se:

“As pessoas precisam tirar suas mentes do apartheid”.

Foi seguido por Assay, que incrementou a discussão com uma forte opinião:

“Nós deveríamos ter dois presidentes, um branco e um negro”, disse ela.

Tal afirmação chocou-me de início, e perguntei se ela não concordava que isso apenas instigaria a segregação. Seu argumento responsivo foi de que os brancos sabem as necessidades dos brancos, enquanto os negros sabem das necessidades dos negros. Assim, perguntei quais seriam essas diferenças. Odwa, prontamente, disse que os negros queriam casas, o que me fez comentar sobre as manifestações que ocorreram durante o ano na cidade do Cabo - muitas vezes nossas idas à *township* foram canceladas devido às manifestações, onde eram feitas barreiras na estrada com a queima de pneus - reivindicando ao governo a realização de serviços públicos, como promoção de moradia.

“As pessoas não tem muito dinheiro para construir casas, então elas moram aqui em Samora (onde a maioria são barracos)... Perto da escola, nessa rua principal, tem um lugar que as pessoas simplesmente não têm água, e as pessoas precisam de água para sobreviver”, disse Odwa com um sentimento de revolta em sua fala.

Neste momento, percebi que todos já estavam um tanto cansados. Acredito que não apenas por termos passado um longo tempo em sala de aula discutindo suas ideias, mas também, por todos eles terem prestado atenção nas colocações de seus colegas, o que muitas vezes não acontecia em nossos encontros regulares. Além disso, os temas abordados foram profundos, trazendo sentimentos que eram totalmente interligados com as histórias de vida de suas famílias e, conseqüentemente, das suas. Resolvemos então, após o lanche e uma breve conversa de descontração, continuar nosso trabalho no próximo encontro. Ao caminhar com as caixas recheadas para o carro que nos esperava, refleti novamente sobre a colocação de Ferrazo (2007), sobre a escuta e a co-autoria desses jovens em minha pesquisa... De certa maneira, eles corresponderam às minhas expectativas temáticas: pelo que tinha vivido e observado em quase dez meses morando na África do Sul, achava que a representação ambiental do espaço em que viviam precisava necessariamente ressaltar as carências de necessidades básicas ao ser humano com alimento, água, abrigo, saúde e educação que prevaleciam em *Philippi*. Indo um pouco mais além, percebi que as

“carências” daqueles jovens transcendiam tais necessidades, conceituadas segundo estudos econômicos. De acordo com Max-Neef et al (1989), necessidades humanas fundamentais englobavam o *ser-estar* daqueles jovens em suas vidas: necessidades de subsistência; proteção; afeto; participação, lazer, identidade, liberdade...

No entanto, esta era a minha visão sobre aquele contexto. Eu precisava ir mais a fundo, explorar essa minha concepção com base nos sujeitos cotidianos que nela estão inseridos. Só assim eu poderia conhecer novas áfricas sul africanas, que se encontravam ao meu redor todas as terças e quintas, e eu ainda não as tinha enxergado. Como os resultados das oficinas anteriores tomaram rumos um tanto diferenciados do que esperava impossibilitando a construção de um mosaico que representasse a comunidade nova ideia tomou corpo: em conjunto com meu orientador, decidimos elaborar um novo mosaico; mas dessa vez, suas partes constituiriam uma obra de palavras e sentimentos. Estas seriam trazidas pelos próprios estudantes, resumindo algo que era importante em seu cotidiano. Assim, daríamos continuidade às histórias contadas por eles. Essa coesão proporcionaria um encontro de vivências diversas deles, que se sumariariam em um livro de histórias de suas vidas, traduzidas em uma única palavra. A sua palavra; a palavra deles.

“As palavras podem esconder mundos”³⁷

Com inúmeros novos papéis coloridos, segui, e desta vez sozinha, para a escola *Sophumelela* ansiando para escutar histórias contadas apenas pelo imaginário dos sentidos emitidos de palavras singulares... Teria alguma vez me deparado com algo assim?

Para minha alegria, Zim (Zumkhita), estava presente hoje; senti sua falta nas atividades anteriores. Por sua vez, Minnie estava ausente. Com certeza já sentia falta das histórias que não seriam contadas...

Desta vez, juntamos as carteiras no centro e sentamos em volta das cartolinas e novos papéis coloridos. Mãos curiosas novamente dedilhavam o papel a escolher suas tonalidades favoritas.

³⁷ Parafraseando Juremir Machado (2010).

Recapitulamos aos poucos o que tínhamos conversado em nosso último encontro: vozes apressadas misturaram-se em frases ecoadas simultaneamente:

“Falamos sobre esportes...”.

“Sobre design, por causa da bolsa que a Odz fez...”.

“Sobre profissões também...”.

Após a recapitulação, dei início a uma discussão para introduzir as palavras:

“Esses tópicos que vocês me contaram agora, tem a ver com o dia-a-dia de vocês?” - indaguei.

SP, de imediato, manifestou-se:

“Sim, pois são desafios que enfrentamos, e nós levamos eles a sério... Por exemplo, se você quer estudar, como aquele moço que veio aqui (Palestrante da Cape Leopard Trust, organização em prol da conservação de leopardos no sul da África), ele disse que, se algum de nós quiser trabalhar lá, temos que estudar muito física e matemática (com o intuito de ter boas notas para entrar na universidade)... Se você quiser ser alguém na vida, precisa estudar muito”.

Por esse e outros tantos relatos que seguirão, ficava mais evidente para mim a importância que a educação tinha para aqueles jovens, refletindo os graves problemas na educação que enfrentavam. Infelizmente, o sistema de educação sul africano é um dos menos produtivos na região meridional africana segundo Jansen (2011). Em agosto, antes de começar o projeto *Sakhoni Sonke*, tive a idéia de discutir com os alunos sobre seus sonhos profissionais e apresentar a eles oportunidades de trabalho, trazendo profissionais de diversas organizações para conversar com eles. Para iniciar esta temática, fizemos uma atividade com balões. Cada um colocaria dentro de seu balão seu sonho. Distribui alguns alfinetes e perguntei a eles o que eles tinham vontade de fazer. Alguns tentaram furar os balões dos outros. Assim, eu soltei meu balão no ar e o joguei para uma aluna. E todos nós começamos a trocar nossos balões. É preciso sonhar: mas também é preciso compartilhar nossos sonhos. E, a partir disso, trouxemos algumas pessoas que naquele momento julguei serem inspirações para

outros sonhos. Uma delas foi um biólogo que trabalhava com ecologia de leopardos em Cederberg, *Western Cape*, através da *Cape Leopard Trust*, citado por SP em sua fala acima.

Após lembrar o que foi discutido na oficina anterior, retomamos a idéia do mosaico. Em acordo com minha opinião, os alunos também acharam que não seria ideal realizar uma “montagem” com o material que tinha produzido. Sugeri então a ideia da construção de um mosaico de palavras: cada um escreveria uma palavra que representasse algo importante em sua vida, em seu cotidiano, lembranças queridas ou com vontade de esquecimento... Com a liberdade de acolher sentimentos próprios.

Ao distribuir os papéis e canetões, muitas palavras começaram a riscar os papéis vazios que esperavam tintas cheias de significado: com certeza, inúmeras situações e emoções envolvem seu viver, crescer e conviver em *Philippi*, que mesmo frases inteiras ainda seriam insuficientes para tal expressividade. Quando terminassem, pedi que organizassem as palavras na cartolina da maneira que desejassem: pude reparar que eles se ajudavam, decidindo qual palavra deveria posicionar primeiro, priorizando algumas como “EDUCAÇÃO” e “ALIMENTO”.

Em estilo “quebra-cabeça” misturado com “jogo de memória”, pedi a eles que escolhessem duas palavras - que não as suas - que mais lhe agradassem ou chamassem sua atenção. Diferentes grafias tracejaram “ALIMENTO”; “EDUCAÇÃO”; “FAMÍLIA”; “AMOR”; “NOVA ÁFRICA DO SUL”; “UNIDADE”; “SWEGA”³⁸; “RESPEITO”; “PAZ”; “COMPARTILHAR”; “MEU PAÍS”. Mãos velozes “avançaram” sobre aqueles “recortes de sentimentos”, em meio a muitos sons de “cliques” - típicos da língua ishXhosa - que provavelmente indicavam, por suas expressões, discussões como “eu queria pegar esta palavra!”. Então, coloquei que a partir desse momento, eles comentassem sobre as palavras escolhidas: o que elas significavam para eles? O que provavelmente cada palavra/frase significava para a pessoa que as tinha escrito?

Odz foi o primeiro a se manifestar sobre suas palavras (Educação e Paz):

³⁸ *Swega* é o termo utilizado em ishXhosa para roupas da moda.

“Acho que Educação é importante para os pobres, pois se você não tem educação, você não pode sobreviver na vida, você é um escravo. Já se você tem educação, você trabalha tranquilamente e tem um bom salário. Paz, se você não tem Paz, você tem muitas dificuldades na vida. Se você tem paz no seu coração, você pode perdoar as pessoas, não importa o quanto elas te odeiem”.

Tal frase gerou assobios e “yos!”- expressão típica de surpresa - entre os estudantes. Uma realidade que os jovens enfrentam, principalmente nas *townships*, é a violência gerada pelas *gangs*. Certa vez, meus estudantes relataram que não poderiam ir a um evento de Artes promovido pela SAEP que aconteceria na escola *Sinethemba* –em *Brown’s Farm*, cruzando a linda de trem- pois não era a “área” deles, e tinham medo de sofrerem violência por isso. Nas próprias excursões que fazíamos, sendo trilhas ou visitas ao lixão, aquário, e jardins permaculturais, muitas vezes levamos os alunos da escola *Sophumela* e *Sinethemba* juntos; era notável um clima tenso quando as atividades tiveram início e os jovens pouco se conheciam.

DJ continuou com a descrição, remetendo às frases/palavras “MEU PAÍS” e “MINHA CARREIRA”:

“Nós vencemos o Apartheid, e acho que a pessoa que escreveu isso (“meu país”) tem orgulho do seu país por causa disso. Sobre a carreira, acho que ele ou ela que escreveu tem carreira como algo importante. Para ter uma carreira, você precisa ser educado. Ninguém vai conseguir tirar isso de você; para tirar, você tem que morrer, finalizou ele.

Lani, que estava muito quieto e tímido, prosseguiu com o diálogo, comentando sobre as palavras “HONESTIDADE” e “AMOR” Em sua explicação, teve certa dificuldade ao falar em inglês, ficando um pouco envergonhado, dando risadas nervosas e tímidas.

Reparei muito esse comportamento quando tive meus primeiros contatos com os estudantes. Uma colega de trabalho falou que era uma “questão cultural”, de não se posicionar diretamente à pessoa, como as mulheres de certa forma se comportavam perante os homens. Porém prefiro filtrar as informações sem assumi-las como verdades que conduzam a interpretações étnicas.

“A pessoa que escreveu isso deve considerá-lo; mesmo se alguém vem de outro país, você tem que amar a todos, você tem que ser honesto com outras pessoas... O amor é muito importante e o mais importante hoje em dia”, timidamente concluiu ele.

SP, como se estivesse ansioso para iniciar a falar, pegou os recortes que representavam “SER UM DJ INTERNACIONAL” e “FAMÍLIA”, como se fossem objetos que estava a apresentar para um público. Achava interessante o modo que suas mãos seguravam as palavras: como se apossavam delas, imagino que de maneira análoga ao cuidado com que guardavam seus sentimentos...

“Acho que a pessoa que escreveu essa palavra tem uma visão... Pensou em ter dinheiro para suceder na vida. Uma pessoa primeiro precisa ter uma visão e ser criativa. Você não pode ser um DJ internacional se você não sabe como tocar música. Isso envolve também várias responsabilidades que você precisa ter na vida. Você tem que deixar família para ir viajar para fora. Você expressa muitas coisas, sua vida muda. E também você não pode ser um DJ se você não for para a escola. Sua música tem que ser boa, todas as pessoas tem que gostar. Black Coffee é um exemplo, sua música toca mundialmente, não apenas na África do Sul. A maioria de nós adora seguir os outros, tomar atalhos, e aí você começa a fazer coisas ruins, como algumas opções de carreiras, como pessoas que se tornam policiais. Acredito que essa pessoa tem uma grande visão...”

A família é a maior coisa, a mais importante na vida. É onde você nasceu, você pode dividir sua história com sua família e amigos. Significa muito para mim, e talvez para a pessoa que escreveu isso. Ela ajuda você se você está em apuros, sempre vão te suportar, te ajudar, demonstrar amor e respeito, e é isso”, encerrou ele como se tivesse finalizado um discurso político.

Faltava ainda SBU, Assay e Zim compartilhar suas opiniões. SBU tomou iniciativa para argumentar sobre as palavras “UNIDADE” e “SWEGGA”:

“A pessoa que escreveu essa frase não gosta que as pessoas briguem, que discriminem umas as outras, falem coisas ruins umas das outras...”

“E Swegga é sobre roupas, sobre ter uma boa aparência; para as pessoas olharem para você e dizerem “yoo!”, e aí então ela ou ele está

bem vestido. Tem muita comparação, quem usa roupas melhores, o que mostra que um pode gastar mais dinheiro que o outro. É importante usar boas roupas, assim as pessoas não vão dizer coisas ruins sobre você. Negros falam muito, se você usa roupas ruins, as pessoas vão fofocar sobre você.

Zim prosseguiu com a descrição das palavras “AMOR” e “COMPARTILHAR”:

“Falar sobre amor... a pessoa tentou falar que se você está em um ambiente, você tem que ter amor, amar outras pessoas, assim você pode aprender coisas e saber o que está acontecendo no mundo, e aprender a cuidar de outras pessoas... Quando você está em uma comunidade, você precisa dividir o que você sabe, suas habilidades e talentos que aprendeu e desenvolveu na escola ou que aprendeu em outras comunidades para dar a outras crianças, assim outras pessoas podem também doar suas habilidades, as pessoas podem estar juntas e lutar pelo que você quer na sua comunidade”.

Assay foi a última a manifestar o que sentia sobre as palavras que tinha escolhido: “RESPEITO”, “UNIDADE”, “AMOR” e “PAZ”:

“Nos direitos humanos se diz que todo ser humano tem o direito a dignidade, mas se você não respeita as pessoas, você nunca terá dignidade; então respeito é a melhor coisa que você pode ter. Se você não respeita as pessoas, eles nunca vão respeitar você. Se você tem um mau-comportamento, você nunca vai ter educação; você tem que respeitar os professores, outros estudantes, pois senão, eles não irão falar nada, apenas te maltratar também. Eu espero que a pessoa que escreveu sobre respeito também tenha respeito, pois você não pode escrever respeito se você não o tem”.

De súbito essas palavras, pronunciadas cheias de verdades, entonação e força, tocaram meus sentimentos e fiquei parada, “anestesiada” por alguns segundos, Pedi a Assay que repetisse sua citação para os colegas. A cada reflexão pessoal dos estudantes sobre aqueles dizeres tão carregados de significados, via uma posição de vontade de praticar aquilo que diziam. De valorizar virtudes hoje tão esquecidas. E como suas falas carregavam esperança, desejo de colaborar ao próximo e uma crítica fortíssima frente à realidade em que viviam.

Dando continuidade, elaborou sua fala sobre “UNIDADE, “AMOR” e “PAZ”:

“Antes de 1994, as pessoas não tinham amor e paz. Negros contra brancos, coloridos contra brancos, indianos. Agora estamos unidos, temos amor. Sem amor não existe paz, se não tem paz, não existe vida. Paz e Amor são as coisas mais importantes; Se você não amar as pessoas, elas não vão te amar de volta. Você não pode dizer que não ama alguém e esperar que a pessoa te ame de volta.”

Em meu peito, neste dia, carregava um colar com a representação Adinkra (símbolos do oeste africano) de dois crocodilos cruzados: a representação da Unidade. Sua fala foi tão tocante, pois foi o que mais senti em meus dias capetonianos: a falta de unidade; a carência de perdão; e a necessidade de mais amor.

Ao final da oficina de cada reflexão, os estudantes posicionaram as palavras escolhidas sobre a mesa da maneira que mais lhe agradava, pintando uma interação de sentimentos, idéias e cores. Tínhamos formado, a partir de cada expressão pessoal, um mosaico de representação da vida.

Pedaços de vida que, em seus encaixes, transformam o que é comUM

Para nosso último encontro, refletindo muito sobre o movimento que realizamos em juntar nossos “pedaços de vida”, decidi realizar uma atividade que reforçasse o conceito de comunidade, do ambiente comum que SP, Zimme, Assay e Cia dividiam e compartilhavam seu cotidiano. E essa atividade teria como link coesivo principal as palavras criadas no último encontro.

Em dias anteriores, que preencheram o espaço temporal entre um encontro e outro, realizei leituras de Morrow (1999), sobre a construção de capital social, que segundo a definição da autora, pode se referir a sociabilidade, conexões sociais, confiança, reciprocidade e engajamento comunitário e civil. Retomei então os objetivos iniciais das atividades: promoção da cidadania, fortalecimento do pertencimento, responsabilidade e reflexão sobre o ambiente em que vivem, tomando como princípio suas histórias pessoais. Apesar de o intuito das oficinas não ser medir capital social - e existem metodologias qualitativas e quantitativas para tal - os princípios da conceituação do mesmo

complementavam e enfatizavam os propósitos do que vínhamos desenvolvendo juntos.

Seguindo esta linha de pensamento, organizei a presente atividade segundo a metodologia de Morrow (2001), que propõe respostas por parte do sujeito de perguntas básicas sobre o papel do jovem na participação comunitária cotidiana, econômica e política, que remetem ao conceito previamente citado de Virginia Morrow. Percebi que estava novamente buscando um “enquadramento” referencial, procurando uma atividade que, de certa maneira, era passível de se obter registros mais “sólidos”. A libertação de ideias estreitas, como a que tinha sobre educação ambiental, envolve um processo de progressão e retorno, até que realmente entendamos que não podemos saber tudo sobre o outro, nem decifrá-lo a ponto de o descaracterizar. Hoje, não teria feito esta atividade, pois ela se afastou da proposta inicial e se tornou monótona, mesmo que tenha proporcionado uma reflexão nos alunos. Precisamos escutar sem medo de que o que chega a nossos ouvidos não seja o que esperávamos.

Estas perguntas foram elaboradas com base nas palavras/sentimentos que os próprios estudantes trouxeram:

- O que é necessário para promover (Palavra/sentimento) em minha comunidade?
- Quem achamos que é responsável por promover tais ideias, situações e condições referentes à _____ em minha comunidade?
- O que eu faço/poderia fazer para promover _____ em minha comunidade?

Para isso, pedi a eles que se organizassem em grupos para discutir em conjunto, visto que os sentimentos eram, também, comuns ao ambiente de *Philippi*.

Para situar novamente o leitor, as palavras já tinham constituído o mosaico. Estavam colados, como os belos ladrilhos que juntam seus cacos em lindos desenhos.

Recortei então o mesmo em peças de um quebra-cabeça: cada grupo, após discutir as perguntas, voltaria a encaixar as peças. Agora, você que me lê, deve estar a se perguntar: qual o sentido disso? Te digo

que apenas segui o propósito de criação de minha prática educativa pessoal: dar espaço ao que me toca, usando a metodologia que me motiva e incentiva: criatividade.

Ao perceber que algumas palavras não se encaixavam perfeitamente nas frases, eu e Claire (ela estava junto comigo neste dia), explicamos a turma que deveriam “adaptar” o sentido delas ao contexto.

Alguns alunos que estavam presentes nas primeiras oficinas não compareceram, e, devido a considerações de horários escolares, infelizmente não teríamos tempo hábil para a realização de um próximo encontro. A época de exames escolares iniciaria na semana seguinte, e já sabíamos, pela experiência que tivemos durante o ano, que os alunos não compareceriam. Fiquei triste pois aquele seria meu último dia na escola: em breve eu estaria rumando à Moçambique, e de alguns daqueles sorrisos, que não teria a oportunidade de abraçá-los em despedida.

Em meio a muitos cliques, dedos que coçavam as bocas em dúvida e canetas que riscavam seus papéis demoradamente, Assay chamou por mim:

“Não sabemos mais o que escrever...”, disse ela.

Fomos percebendo que todos estavam com dificuldade, e a atenção de alguns grupos foi se dispersando: apenas os meninos, Jason e Senso, estavam bem concentrados.

Relembrando o significado de *Sakhoni Sonke*, fomos em cada grupo conversar um pouco com eles sobre as respostas: incentivá-los a buscar em suas concepções pessoais as respostas.

Quando coletamos o material, as respostas que obtivemos de cada grupo estão transcritas abaixo:

Grupo 1: Asanda e Odwa- “Respeito” e “Carreira”:

1.O que é necessário para promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

Respeito: Respeitar as outras pessoas.

Carreira: Ter uma boa educação.

2. Quem você acha que é responsável por promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

Carreiras: Para as carreiras, é necessário trabalhar duro na educação, e pedir por conselhos e orientação, fazendo também pesquisas sobre a carreira desejada.

Paz e Amor: São responsáveis pelo respeito

Respeito: Para promover respeito é necessário respeitar as outras pessoas; assim, também serás respeitado.

3. O que eu faço e/ou poderia fazer para promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

Carreiras: Estudar bastante e fazer pesquisas nos jornais e internet sobre minha profissão.

Respeito: Respeitar as pessoas e amá-las.

Paz e Amor: Preciso ser legal e gentil com as pessoas, para promover amor e paz.

Grupo 2: Jayson e Senzo- “Escola”, “Honestidade”, “Amor”, “Carreira” (que neste caso, era ser um DJ profissional):

1. O que é necessário para promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

Escola: O Governo é responsável.

Honestidade e Amor: Confiança e bondade.

Ser um DJ internacional (carreira): Ser um Dj e Promoter.

2. Quem você acha que é responsável por promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

Escola: O diretor da escola

Honestidade e Amor: A própria pessoa que tem essas características é responsável

Carreira de DJ: O próprio DJ

3. O que eu faço e/ou poderia fazer para promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

Escola: Através do Voto.

Honestidade e Amor: Dar conselhos às pessoas.

Carreira de DJ: Focar nas habilidades e talentos do DJ.

Grupo 3: Zimkhitha e Sbu- “Família” e “Amor”:

1. O que é necessário para promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

“O que você precisa para promover a si mesmo é o suporte de sua família, mais do que você pode entender o quanto eles te amam. Você precisa estudar seus livros; assim você consegue alcançar seus objetivos”.

2. Quem você acha que é responsável por promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

“Você precisa trabalhar duro e ter o suporte de sua família. Você precisa saber o que quer ser no futuro, e precisa ser unido aos outros para aprender com outras pessoas e dividir o que você tem”.

3. O que eu faço e/ou poderia fazer para promover _____, _____ e _____ em minha comunidade?

“Você precisa trabalhar duro, ter ajuda dos membros de sua família e precisa pesquisar o que você quer ser”.

Pude perceber em suas respostas - como já havia refletido na atividade com as palavras - a importância do outro, e a valorização do respeito pelo outro. Via-se que eles se sentiam responsáveis por suas atitudes e deveres; mas não viam nas formas de poder uma manifestação de seus interesses. A espera de atitudes governamentais, em minha visão, ainda era um ponto cultural presente, legado direto pós-segregacionista- iniciado em 1994- onde inúmeras promessas governamentais de deliberação de serviços públicos foram feitas. Segundo Davids, Theron e Maphunye (2009):

It is often said that the South African public is not interested in participating in development decision making. It can be argued that this lack of interest should be understood within the context of South Africa’s past, where public participation was no more than a cosmetic and serious gesture. Paul (1987), for example, states that it is difficult to enthruse beneficiaries to be active in public

participation when the country in question does not have a social tradition that is supportive of participation (p. 20)

Mas como diria Mia Couto (2012, p. 30), este já é um discurso conhecido. “A culpa já foi da guerra, do colonialismo, do imperialismo, do *apartheid*, enfim, de tudo e de todos. Menos nossa. É verdade que os outros tiveram a sua dose de culpa no nosso sofrimento. Mas parte da responsabilidade sempre morou dentro de casa”.

Puxei assim a questão de ser participativo, se envolver nas decisões políticas, sobre as manifestações que ocorreram durante o ano e a consciência no poder de voto.

Começamos a montar junto aquele quebra-cabeça que, em suas partes, moldava um esboço de diferentes vidas, que se intercalam em sentimentos semelhantes. Um pedaço ficou faltante: representava o grupo de alunos que não compareceram.

Colamos novamente as peças, e, para a surpresa de todos, virei o trabalho e atrás estava escrito “Comunida”: a sílaba “de” se encontrava no pedaço que continham as palavras que não foram representadas. Fizemos uma breve analogia sobre o “pertencer”, ser e participar dentro de um grupo de pessoas que dividem seus cotidianos em um ambiente comum. E que todos somos “pedaços” de vida, como disse SBU, de uma obra que só tem sua arte completa quando todas as suas cores estão juntas. O que é comum não pode estar completo, como diriam nossas “palavras”, sem amor, respeito, família e união. Com a participação de cada ser, e apenas quando todos estiverem presentes, independente de suas histórias, trajetórias, sonhos, cores, é que podemos construir as mudanças que tanto ansiamos.

Em todos os encontros, enfatizei incansavelmente o envolvimento deles com o conceito de comunidade, que pude perceber estar fortemente agregado a mim. Apesar de fazer com que o projeto de pesquisa proporcionasse um acolhimento de seus cotidianos e conseqüentemente dos estudantes, não pude perceber que a comunidade já estava presente nos mesmos. Isso ressalta a necessidade de sempre estarmos nos avaliando e reinventando, para poder aprender e criar com o outro que conosco tece, escreve, e pinta.

Fizemos uma breve discussão e avaliação sobre o ano, o que valeu a pena, o que ficou e os caminhos futuros. A gratidão, embora em tentativa de ser expressada, não conseguia se encaixar em palavras. Não

conseguia entender naquele momento que talvez aquela fosse a última vez que os veria (embora o que mais desejava era retornar assim que possível) Lanches distribuídos, e acenos em frente à porta os levaram de volta às suas casas, como rotineiramente acontecia. Talvez tenha sido melhor assim: apenas um tchau de “até logo”.

*Enkosi bafundi. Sobonana kwakhona*³⁹

³⁹ Frase em isiXhosa, que significa “ Obrigada meus alunos. Nos vemos em breve”.

AS CORES QUE HOJE ME DANÇAM

A viagem é como a narrativa poética: iniciação à suprema arte de viver. Ato mágico e místico de apropriação do passado, esse outro tempo é mesmo desdobrável, bem como sua narrativa requer a busca de um sentido que permanece em aberto, e, assim, fonte de nossa liberdade. Por isso Benjamin escreveu: eu viajo para conhecer minha própria geografia”.

Olgária Matos

Às vezes paro para pensar nas transmutações que ocorreram desde o início da faculdade até o momento de seu encerramento e a escrita deste trabalho. Como os sonhos mudaram e se construíram durante essa longa caminhada.

Na primeira fase fui procurar o laboratório de Imunologia Aplicada para trabalhar com pesquisa em HIV e AIDS; já me imaginava realizando meu trabalho de conclusão de curso em algum país africano, agradecendo, ao som de uma envolvente canção em um dialeto desconhecido, as crianças e famílias que contribuiriam para o meu projeto, compartilhando como seria conviver com a presença de HIV. Por que África? Pois era um grande sonho, um sonho cheio de cores, de magia, de encantos!

Não é que este sonho aconteceu mesmo? Porém, de uma maneira completamente diferente da que eu esperava. Acredito que da forma que deveria acontecer, refletindo as mudanças que acontecem nas paixões de um estudante e seus encontros e desencontros profissionais e, principalmente, pessoais. Poder viajar em um momento decisivo (estava prestes a me formar), fez com que vivenciasse tudo com novas lentes: aposentei muitos daqueles óculos cheios de estereótipos, deixando mais lentes pelo caminho, a cada África que passava a me habitar. Um eterno

ato de perder-se e achar-se novamente, como o fluxo natural das impermanências de nossos sentimentos. Encontrei muitos sorrisos, abraços e, principalmente, amigos, ao som de melodias tão belas quanto àquelas que um dia havia criado.

O que teria passado, como diria Machado (2010), de encoberto para descoberto? Posso dizer que tantos caminhos quantos meus pés se dispuseram a caminhar, e minhas asas, a voar.

E sobrevoei, como ave migratória que cruza o oceano, repousando em locais inóspitos e remotos, que lhe ensinam sobre a dificuldade das adversidades, criando estratégias para continuar a jornada até o pousar. E de lá retornar, com muitas histórias a contar sobre o caminho.

O processo de desconstrução de conceitos - que neste caso se deu na contemplação de Áfricas outras - se constrói juntamente com a reflexão/desconstrução sobre a própria atuação profissional e educativa a que tanto me dedicava.

Serei, no entanto, sempre bióloga. Como todos nós, essencialmente, somos: eternos estudantes da vida. E sou uma eterna apaixonada pela vida. Nas dúvidas entre tantas paixões, que me remeteram a quase largar tudo e focar meu esforço profissional em uma das coisas que mais me encanta, a dança, gerando a preocupação do afastamento de minha profissão, descubro que o meu ser bióloga é dançar a vida: por que não colocar várias janelas e portas em uma casa? E ainda, poder olhar através de todas elas, pois cada uma nos privilegiará com uma paisagem diferente... E que todas nos encantem e inspirem. De caminhantes e viajantes que somos, recomendaria a todos os estudantes que talvez se encontrem na mesma situação, buscarem a habilidade de realizar trilhas admirando as flores do caminho, pois a pressa para um destino incerto faz-nos esquecer de contemplar a beleza de suas cores. Afinal, como diria Antônio Machado, “*caminhante no hay camino, se hace camino al caminar*”.

Aprendi a revalorizar a subjetividade, dando voz e linhas aos meus poemas, sonhos e desejos. Apenas abrindo os mundos que me habitam, poderei adentrar tantos outros, e mais do que isso, senti-los, considerar suas verdades e respeitar os diferentes “sagrados”. Para mim, essa é a essência do verdadeiro aprendizado. O que seria a pesquisa

senão aprendermos e compartilhar este conhecimento? E ainda ousar dizer que os mestres que “necessitamos” referenciar podem ser a inspiração daqueles sorrisos; a tranquilidade daquela serenidade; os sentimentos de jovens que talvez pela primeira vez foram escutados. Ai talvez esteja a humildade de aprender com o que é real e simples. Como diria Benjamin (1987), o narrador retira o que ele conta da sua experiência, de sua própria experiência e da do outro, valorizando então o outro. Quem viaja tem muito que contar, e valorizar essas experiências é reconhecer e dar voz aos mestres de nossa jornada.

O pesquisador e educador cria a partir do que o move, do que o toca, e valorizar e expor capítulos de minha própria história me auxiliaram a entender melhor minhas próprias escolhas e atitudes, gerando pontos de referência para pinturas próximas. Desconstruir-se e reconstruir-se constantemente permite que também possamos realizar desconstruções de nossas concepções e estreitamentos. E é este processo que nos levará a pensar o processo educativo que estamos realizando de maneira a aproximarmos-nos e valorizarmos cada vez mais dos sujeitos que o tecem e percorrem os *espaçostempos* que ousamos adentrar em nossos projetos de educação.

Fico também feliz de conhecer autores que me ajudaram a me desatar de amarras cientificistas e de metodologias que “esperam” resultados que ainda não aconteceram: não podemos prever o desconhecido. É melhor colorir os mapas ao sentir os relevos e depressões de suas geografias.

É no cotidiano que fazemos, refazemos e recriamos a nós mesmos. Estranhamos, entranhamos e desentranhamos. A narrativa, em minha visão, é o registro de todas essas experiências para valorizar o outro que a nós tanto inspirou, e, em um ciclo virtuoso do compartilhar, inspirar a muitos outros motivados também a inspirar - e este é talvez, para mim, o sentido mais importante de uma produção acadêmica. Nessa libertação de categorias teóricas, não posso deixar de concluir, de total acordo com Nilda Alves (2002), sobre os quatro aspectos que englobam a complexidade desse processo de pesquisa: realizar um mergulho em tudo que desejamos estudar, em um movimento de sentir o mundo; virar de ponta-cabeça os limites que as ciências da modernidade impõem as tessituras de nossos trabalhos; ampliar as maneiras de encarar a diversidade, o diferente e o heterogêneo, bebendo em todas as fontes; e, por fim, assumir que “comunicar novas preocupações, novos

problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito mais profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar de narrar a vida e literaturizar a ciência”.

Quando me perguntavam o que valeu a pena e os aprendizados que obtive ao retornar desta aventura, tinha um repertório quase pronto das maravilhas e dificuldades vivenciadas. Hoje, acredito que a aventura está apenas iniciando. Eu apenas dei o primeiro passo.

Talvez não consegui repassar todo o conhecimento que gostaria e que me propus ao iniciar a viagem. Mas realizei muito mais do que isso: pude escrever um pouco de mim e deixar que outros poemas em mim fossem romantizados. Aprendi mais sobre o respeito e a escuta, construindo assim muitos mundos nas minhas trocas com os outros: meus colegas, amigos, pessoas que conversava em minhas andanças, moradores de rua, meus alunos. Passei a compreender, como reforço em todos os capítulos deste trabalho, que precisamos valorizar suas histórias e seus desejos, sem tentar decifrá-los com inúmeras hipóteses comportamentais, sociais, biológicas: isso apenas acabaria com a beleza do ser que contém mistérios, encantos, e muitos ensinamentos.

Não sei se eles irão lembrar a paixão pela natureza que tentei transmitir. Mas, poder ler no formulário de avaliação do Clube de Meio Ambiente - em resposta a uma das perguntas sobre a atuação dos voluntários - a frase “Ela nos ensinou a conviver uns com os outros”, em resposta a minha pergunta sobre minha atuação no decorrer do ano, fez todos os esforços valerem a pena.

O que farei agora? Devo dizer que desejo vestir minhas asas novamente, buscando mais “eus” que me ventam, e respeitando os que já abrandaram sua brisa. Buscar através de novas culturas outras maneiras de pensar a educação, e nesse mosaico de saberes adquiridos, pintar minhas próprias obras futuras. Se conseguir alegrar novos sorrisos e significar a palavra “perseverança” para as almas que encontrar em meu caminho, já estarei satisfeita.

AS MINHAS INSPIRAÇÕES

ALVES, Nilda. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BARCELOS, Valdo. *Educação Ambiental: sobre princípios, metodologias e atitudes*. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. Antropofagia, Educação Ambiental e Intercultura - tecendo uma não-pedagogia. In: GUIMARÃES, Leandro; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo (Org.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. 1ª Ed. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

BRUFENBRENNER, V. *The ecology of human development: experiments by nature and design*. 1ª Ed. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* 3ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

COWEN, A. The Tsoga Environmental Education Centre Samora Machel, Cape Town Sustainable Design as a Generative, Restorative and Catalytic Process. *Journal of the South African Institute of Architecture*. Cape Town: Picasso Headline, 2005.

DAVIDS, Ismail; THERON, Francois; MAPHUNYE, Kealeboga J. *Participatory Development in South Africa*. 2ª Ed. Cape Town: Van Schaik, 2009.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Fotos, memória, identidade: revisitando a infância. In: MOTA, Aldenira; PACHECO, Dirceu Castilho (Org.) *Escolas em Imagens*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 13-30.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Eu, caçador de mim. In: GARCIA, R.L. (Org.) *Método: pesquisa com o cotidiano*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Pesquisa com o Cotidiano. Campinas: *Educação e Sociedade*. Vol. 28. N. 98, p.73-95. 2007.

FREIRE, Paulo. *A Pedagogia do Oprimido*. 50ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GAMBONE, Michelle Alberti; KLEM, Adena M.; CONNELL, James P. *Finding out what matters for Youth: Testing Key Links in a Community Action Framework for Youth Development*. Philadelphia: Youth Development Strategies, Inc., e Institute for Research and Reform in Education, 2002.

JANSEN, Jonathan D. South Africa's Education System: how can it be made more productive? In. MBEKI, Moeletsi (Org). *Advocates for change: how to overcome Africa's challenges*. 1ª Ed. Johannesburg: Picador Africa, 2011.

KARAM, Heloísa. *Histórias de infância e o que nos ensinam sobre modos de (re)viver e de sentir um ambiente*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

LOOTS, Liliane. Post-colonial visitations: A South African's dance and choreographic journey that faces up to the spectres of "development" and globalisation. *Critical arts: A journal of south-north cultural and media studies*. Pretoria: Unisa Press. Vol. 20. N. 2, p. 89-101. 2006.

MANDELA, Nelson Rolihlahla. *Long Walk to Freedom*. 40ª Ed. Londres: Abacus, 2011.

MAX-NEEF, M., ELIZARDE, A. & HOPENHAYN, M. Human Scale Development: an option for the future. *Development Dialogue*. Vol. 4, p. 5-80. 1989.

MORROW, Virginia. Conceptualising social capital in relation to the well-being of children and Young people: a critical review. *The editorial board of the sociological review*. Oxford: Blackwell Publishers, 1999.

_____. Using qualitative methods to elicit Young people's perspectives on their environments: some ideas for community health initiatives. *Health Education Research*. Londres: Oxford University Press, Vol. 16. N. 3, p. 255-268. 2001.

MOYO, Dambisa. *Dead Aid*. 1ª Ed. London: Penguin, 2009.

REIGOTA, Marcos. *O que é Educação Ambiental*. 2ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SCHENK, Rinie; NEL, Hanna & LOUW, Huma. *Introduction to participatory community practice*. 1ª Edição. Pretoria: Unisa Press, 2010.

SILVA, Juremir Machado da. *O que pesquisar quer dizer: como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da CAPES*. 2ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SOUZA da SILVA, Ivete. Antropofagia e Educação Ambiental: tessituras interculturais. In: GUIMARÃES, Leandro; KRELLING, Aline Gevaerd; BARCELOS, Valdo (Org.) *Tecendo Educação Ambiental na arena cultural*. 1ª Ed. Petrópolis: DP et Alii, 2010.

NOS BASTIDORES

ADENDO - 1

Carta de autorização aos pais para participação nas oficinas, uso de imagem e voz.

Rondebosch
7700

September 2012

Dear Parent/ Guardian,

I the undersigned, Anastácia Schroeder, am an undergraduate student of Biology at Universidade Federal de Santa Catarina in Brasil. I am currently a semester study abroad student in the Faculty of Science at the University of Cape Town. I am also a volunteer at the South African Education and Environment Project.

My research project, "Sakhani sonke": Philippi views from Its Youth", was designed based on my experience gained from running the SAEP Environmental Club with Sophumelela students, with whom I have been working with since January. The objective of my project is to compile information on a group of students from the Philippi area, based on their stories, world views, feelings, aspirations and dreams; all the while exploring and developing their life skills. This is a process that will lead them to reflect on their community and environment, the way they see themselves, as well as the roles that they play in society.

Some of the interactive activities that the students will take part in include drawing, writing, collage making and oral tasks, all of which will be both group and individual tasks.

My project will take place over one month, during which I will interact with the students in their school classrooms for 4 sessions of two hours each. These developmental sessions will take place on Friday afternoons during the September/October period.

All the materials needed, as well snacks will be provided by the facilitators.

With your permission, I therefore invite your child to take part in my undergraduate research project. Should your child wish to participate in this project, please sign and return the consent form below. Please note that pictures of your child may be taken for registration purposes. Authorization of the use of this picture will be confirmed by signing the consent form below.

I look forward to engaging with your child for the duration of my project.

Yours faithfully,

Anastácia Schroeder
Anastácia Schroeder

AUTHORIZATION OF PARTICIPATION AND USE OF MATERIALS

I.....parent/guardian of, hereby authorise my child to be a part of the research project, as well as for their photograph and any other material produced during the project to be included in the research materials of this project as property of Anastácia Schroeder. I am aware that any reclamation, restitution or payment for the use of the student's materials is not possible.

Date:..... Signature:.....

ADENDO - 2

Carta de apresentação do projeto de pesquisa à organização SAEP



C017 Devonshire Hill
13 Grotto road
Rondebosch
7700

September 2012

South African Education and Environment Project (SAEP)
Cape Town
8001

Dear Jane,

RE: REQUEST FOR PERMISSION TO CONDUCT RESEARCH STUDY WORKSHOPS WITH
SAEP BENEFICIARIES (ENVIRONMENTAL PROGRAMME)

I the undersigned, Anastácia Schroeder, am an undergraduate student of Biology at Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) in Brasil. I am currently a semester study abroad student in the Faculty of Science at the University of Cape Town, also a volunteer at the South African Education and Environment Project. In this letter, I present to you my research project which is under the supervision of PhD Leandro Belinasso Guimarães, a research fellow in education at UFSC.

My research project, "Sakhani sonke": Philippi views from its Youth. ", was designed based on my experience gained from running SAEP Environmental Club with Sophumelela students, with whom I have been working with since the first semester of 2012.

During this process of conducting environmental classes at the schools, I have identified several needs among the students, concerning personal skills and engagement in social and environmental issues. I have identified a lack of interest in community and environmental issues, a lack of a sense of belonging as well as difficulties in self expression, communication and participation.

The objective of my project is to compile information on a group of students from the Philippi area, based on their stories, world views, feelings, aspirations and dreams; whilst exploring and developing their life skills. This is a process that will lead them to reflect on their community and environment, the way they see themselves, as well as the roles that they play in society, promoting citizenship through Environmental Education.

The main questions of my research are:

- What innovative methods can be used to promote Environmental Education?

ADENDO - 3

Carta de apresentação do projeto de pesquisa à organização SAEP (continuação)

- What views do the students have of their community and how are these views being expressed?
- Does this innovative method of promoting environmental education instigate increased participation, the development of personal skills and reflection?

Some of the interactive activities that the students will take part in include drawing, writing, collage making and oral tasks, all of which will be both group and individual tasks. These skills are crucial for their personal development as they will enhance the students' ability to think, reflect and participate and as a result the long term effect of these skills will contribute to the betterment and development of their community.

My project will take place over one month, during which I will interact with the students in their school classrooms for 4 sessions of two hours each. These developmental sessions will take place on Friday afternoons during the October/November period. Claire Mollatt, also a SAEP volunteer, will be conducting the workshops with me.

The outcomes of the research will be reported to SAEP in order to contribute to a better understanding of the SAEP's beneficiaries. Acknowledgements will be included in the final draft of the research project.

In light of the above, I hereby ask for permission to conduct this project with SAEP's beneficiaries of the Environmental Programme. I would also like to request logistical support from SAEP in the form of transport to and from Philippi.

I shall look forward to hearing from you regarding the matter, at your earliest convenience, and would like to take this opportunity in thanking you for enabling my participation in SAEP's projects this year.

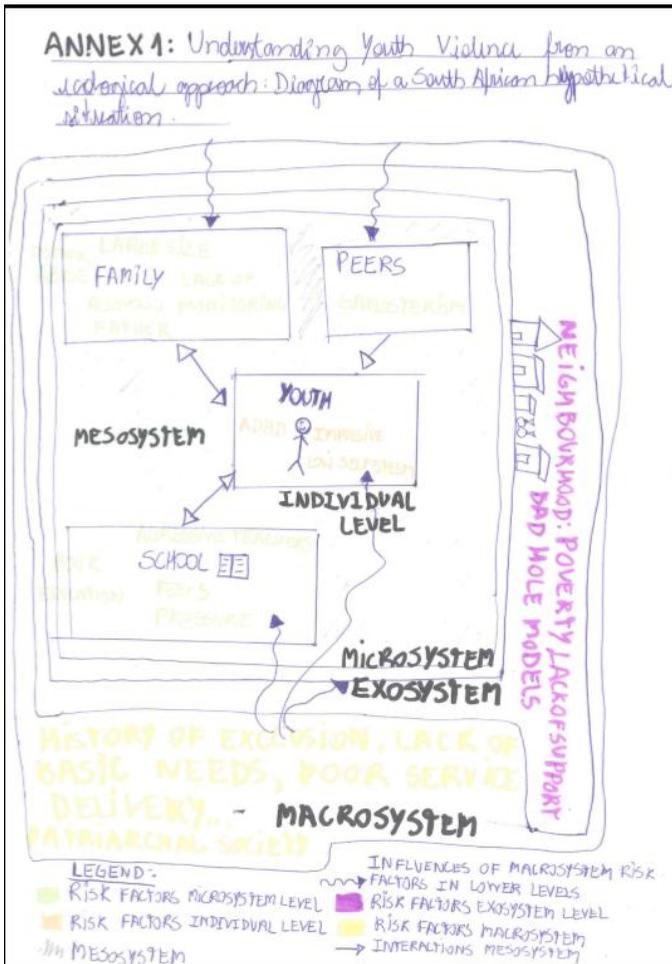
Yours sincerely,



Anastácia Schroeder

ADENDO - 4

Mapa dos fatores de risco geradores de violência entre jovens segundo o modelo ecológico de Bronfenbrenner, com base em uma situação hipotética sul africana



ANEXO - 1

Material produzido na oficina: “Pedaços de vida que, em seus encaixes, transformam o que é comum”. Respostas grupo 1.

Coy
Zimbe
↔

- (1) What is needed to promote? What you need when you going to be promoted you need the support of your family morder you can realise how much they love you and you must study you Books so that you can reach your goals
- (2) Who do you think is responsible for promoting? you need to work hard and have a support to your family and you must know what you want, to be in future and you must be unity so that you can learn to other people and share what you have
- (3) What could help promote? you must work hard and support from your family members and you must ~~for~~ research about what you want to be,

ANEXO - 2

Material produzido na oficina: “Pedaços de vida que, em seus encaixes, transformam o que é comum”. Respostas grupo 2.

What is needed to promote

- ① My school → Government is responsible for promoting
- ② HONEST AND LOVE → TRUST, KINDNESS
- ③ TO BE AN INTERNATIONAL DJ → DJ Promoter

(2) Who do you think is RESPONSIBLY for PROMOTING?

- ① My school → The school Principal
- ② HONEST AND LOVE → The person who has honest and love
- ③ TO BE AN INTERNATIONAL DJ → The DJ Promoter is responsibly for promoting

① What I do / What could I do to Promote?

- ① My school → BY VOTING
- ② HONEST AND LOVE → TO ADVISE THE PERSON
- ③ TO BE AN INTERNATIONAL DJ → By focusing mostly at the DJ's skills and ability of the DJ.

ANEXO - 3

Material produzido na oficina: “Pedaços de vida que, em seus encaixes, transformam o que é comum”. Respostas grupo 3.

ASANDA / MASAY

Odwin / Od'z

① What is needed to promote?

Respect ~~some~~ people

My career: To have a good Education
and respect

Love and peace To love ^{and respect} people in your community

② Who do you think is responsible for promoting?

1) In career to responsible you need to work hard in your Education.

2) Love and peace is responsible for ~~respect~~ respect.

1) And also ask for advise and ~~for~~ research about your career
to promote respect you should also respect other people so

2) that you'll ^{also} get ~~respebe~~ Respected

③ What I do / what I could do to promote?

1) To work hard ~~many~~ ^{career} by searching in internet, newspaper about my

2) To respect people and love ~~pe~~ them.

3) ~~Love~~ Love and peace I have to be nice and kind to people
so that love and peace will be promoted